

O TRATAMENTO DOS MOSTRATIVOS DA LÍNGUA JAPONESA, SEGUNDO OS AUTORES JAPONESSES

Lídia Masumi Fukasawa

Tendo em vista que nos referimos, num artigo anterior⁽¹⁾, às linhas teóricas dos estudiosos japoneses, concernentes ao estudo dos mostrativos, de maneira muito breve e superficial, sentimos, então, a necessidade de apresentar essas teorias, de maneira mais sistematizada e minuciosa, cujo intuito maior é, exatamente, o de levar ao conhecimento do leitor brasileiro, interessado no estudo científico da Língua Japonesa, os autores mais representativos e relevantes do mundo dos estudos lingüísticos e gramaticais do Japão, sobre o assunto em questão.

Devemos, entretanto, alertar o leitor para o fato de que os estudos e as sínteses das teorias dos autores japoneses constituíram uma parte da Dissertação de Mestrado que apresentamos junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1984. Foram longos anos de estudos e pesquisas, cujos resultados passaram por um processo difícil de elaboração, devido à dificuldade de obtenção do material bibliográfico, mormente no que se refere aos autores mais recentes.

Tentamos fazer um panorama geral, que abrangeu desde os estudos propostos por Fumihiko Ôtsuki (1897) até aqueles propostos por Kazuyoshi Horiguchi (1978), sem deixar, naturalmente, de me referir e de consultar obras da década de 1980 (Shôho Isamu, Yutaka Miyaji, Tanaka Nozomu etc).

Dentre as várias obras consultadas, realizamos uma seleção, tomando como objeto de estudos, apenas os autores que consideramos mais representativos, por terem, de uma maneira ou outra, desempenhado um papel de inovação e desenvolvimento, na apreensão do significado e do funcionamento dos mostrativos japoneses.

A validade da publicação deste trabalho, estaria, portanto, de um lado, na apresentação de uma possibilidade oferecida ao leitor brasileiro, de entrar em contacto com as teorias dos estudiosos japoneses, e, de outro, de fundamentar com maiores dados o novo modelo teórico, a que pensamos ter chegado, referente ao significado e ao funcionamento dos mostrativos japoneses, apresentado no artigo anterior, supra citado⁽¹¹⁾.

Sem pretender, contudo, esgotar a extensa lista dos estudiosos japoneses que opinaram sobre o problema dos mostrativos (agora entendidos, provisória e genericamente, em seu sentido mais lato, como "certas

unidades lingüísticas portadoras de função indicativa ou mostrativa”), tentaremos sumariar as posições de alguns desses lingüistas e gramáticos, através de suas obras^(III).

Embora os estudos específicos referentes aos mostrativos japoneses tenham começado (segundo pesquisa apresentada por Tarô⁽¹⁾ Takahashi e Mitsuyo Suzuki, 1982⁽²⁾) somente na segunda metade do século XIX com o artigo “*Daimeigen*”, “Pronome”, escrito por Shigenobu Tsurumine, 1833⁽³⁾), não poderíamos, para o desenvolvimento e os objetivos deste trabalho, deixar de citar como ponto de partida a obra do Padre João Rodriguez (embora não se trate de um autor japonês), *Arte da Lingoa de Iapam*, datada de 1608. Trata-se de um livro de gramática (em 3 volumes), escrito em português, que enfoca a língua padrão do Japão do século XVII. Seu conteúdo abrange a morfologia, a sintaxe e a estilística (os vários estilos de escrita, quais sejam, poesias, cartas, documentos etc.) cujas análises, embora calcadas nas categorias gramaticais latinas e obedecendo a tais preceitos, chegaram a prever uma visão lingüística típica do japonês e a registrar uma taxionomia bem próxima e fiel da natureza da língua japonesa. Este trabalho constitui uma obra de inestimável valor enquanto subsídio para o estudo da língua japonesa, especialmente no seu aspecto histórico. A obra de Rodriguez registra não só a língua japonesa escrita, mas a língua falada da época.

1. Noções propostas por Rodriguez

João Rodriguez (*Arte da Lingoa de Iapam*, 1976, p. 145) define ainda o *pronome pessoal* como “/ ... / aquelle, que se põe em lugar do Nome, & significa pessoa certa, & determinada” e o *pronome demonstrativo* como “o que mostra a cousa” Destaca a presença, na língua japonesa, de “pronomes primitivos” e a ausência dos chamados “pronomes derivativos”⁽⁴⁾: “Esta lingoa tem soamente pronomes primitiuos, & carece dos deriuatiuos, como Meu, Teu, &c. Em cujo lugar vsamos dos primitiuos em geni-

(1) Para as vogais longas do japonês, convencionaremos a utilização do acento circunflexo. Assim, por exemplo, *Tarô* = /Taroo/ e *Kenkyû* = /Kenkyuu/.

(2) TAKAHASHI, Tarô e SUZUKI, Mitsuyo “*KO, SO, Ano Shiji Ryôikini Tsuite*”, 1982.

(3) *Apud* TAKAHASHI, Tarô e SUZUKI, Mitsuyo, *Op. cit.*, p. 37

(4) O termo “pronome derivativo” aqui tem o sentido de palavras plenas, isto é, de palavras independentes que por si só, sem a coadjuvação de outras partículas, constituem um vocábulo.

tivo, **NO** ou **GA**, / ... / Ex.: *VataxiNO*, 'Meu' *SonataNO*, 'Teu' *AreNO*, 'Seu' &c." (*Op. cit.*, p. 145).

Como vemos, Rodriguez ainda não chega a explicitar a necessidade de distinguir, na classe dos pronomes, a função dêitica e a anafórica, pois considera o pronome como um elemento que substitui um nome.

Classifica os pronomes da língua japonesa em duas categorias:

- a) pronomes primitivos (pronomes pessoais) - aqueles que "/... / se declinam como os nomes substantivos / ... /" (*Op. cit.*, p. 18);
- b) pronomes derivativos (assim designados por Rodriguez para os demais pronomes) - aqueles formados pelos pronomes primitivos acrescidos de certas partículas que indicam o caso.

Assim, os pronomes primitivos se restringem aos pessoais, salvo os que conotam sentido de "honra" (os quais pretendemos retomar mais adiante), enquanto os derivativos abrangem os demais tipos de pronomes.

No que concerne aos pronomes pessoais, o autor se preocupa com as formas existentes no japonês, de modo a dar um quadro geral dos pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas e suas correspondentes no português. Interessante notar é que já considera os pronomes pessoais ligados à noção de respeito, polidez e modéstia, embora não indique explicitamente a relação entre tais signos e a própria situação de discurso onde aparecem. Não relaciona os pronomes à função de mostraçãõ dêitica do discurso, nem às implicações que eles têm com os elementos do processo de comunicação. Assim, para os pronomes de 1ª pessoa, o autor destaca:

chin, maru, "eu", formas utilizadas somente pelo imperador;

vare, varera, vatacuxi, soregaxi, "eu", como formas polidas utilizadas em circunstâncias que exigem respeito (*sonkei*) ou modéstia (*kenson*) por parte da 1ª pessoa que deve ser do sexo masculino;

mi, midomo, "eu", sendo a primeira forma utilizada por "homens com alguma superioridade" e a segunda por homens de *status* social baixo ("gente baixa") quando se comunicam entre si;

conofõ, conata, cochi, "eu", formas utilizadas em larga escala com sentido de polidez, por pessoas cuja classe social independe de hierarquia;

xessu, xexxa, xepu, guxet, gurõ, gusõ, "eu", formas utilizadas na escrita (raramente na língua falada);

gurõ, "eu", forma usada por pessoas idosas e por frades;

gusô, "eu", forma utilizada por religiosos e frades;
vraga, vraraga, "eu", para pessoas de nível social baixo;
vagami, midzucara, varaua, "eu", formas utilizadas por mulheres.

Para os pronomes de 2ª pessoa destaca:

sono fõ, sonata, conata, "tu", formas polidas de cortesia;

quixo, quiden, quifen, quifõ, gohen, "vós", formas de respeito que, ligadas à partícula "*sama*", denotam maior "honra";

vonmi, "vós", forma "honrosa" utilizada tanto na escrita quanto na fala;

vonore, sochi, vonoga, vonuxi, vaga, "tu" ou "vós", quando nos dirigimos a pessoas de condição social baixa (criados);

nandachi, nangira, "vosoutros", não indicam "honra" mas "arrogância";

quirô, "vós", para velhos ou "frades honrosos";

quisõ, "vós", para religiosos;

vonovono, catagata, vocatagata, "vós", forma polida, no plural.

Para os pronomes de 3ª pessoa destaca:

anofito, anomono, sonofito, sonomono, "aquele", forma cortês;

conofito, conomono, "este";

care, core, "este" ou "isto";

are, nuxi, sonomi, "ele", "aquele";

aitçuga, aitçumega, coitçumega, aremega, "ele", "aquele", com desprezo e "abatimento"

vonovono, "eles", forma cortês, para plural.

Arrolamos exaustivamente as várias formas de pronomes pessoais destacadas pelo autor, com a finalidade de chamar a atenção para a relação feita, no momento da análise da personalidade, entre os elementos sociais e lingüísticos na medida em que destaca o uso restrito de cada um dos pronomes:

"O pronome assi deriuativo como primitiuo, ou he desi honrado, ou bayxo: honrado he aquelle que soo pertence a pessoas al-

tas, & (...ilegível) bayxo aquelle, que sò pertence a infimos, ou de que vsamos por causa de desprezar a outro” (*Op. cit.*, p. 146).

Ainda que de maneira vaga, o autor tentou a inclusão do papel do locutor e do interlocutor nas várias situações de discurso. Vale notar que, apesar de não ter utilizado os termos “locutor”, “interlocutor”, o autor já percebe os vários registros lingüísticos onde determinadas formas de “pronome” sofrem restrições quanto a seu uso. É evidente que não faz, ainda, referência expressa nem à dêixis nem à anáfora. Suas considerações visam ao paradigma morfológico dos termos.

Quanto aos pronomes possessivos, considera-os como um acoplamento entre os pronomes chamados primitivos e as partículas *NO* e *GA*, indicativas do caso genitivo e, evidentemente, não os relaciona com as instâncias do discurso. Assim, destaca os seguintes possessivos:

vatacuxino, vareno, “meu”;

sonatano, nangino, “teu”;

areno, careno, “seu”

Rodriguez assinala o elemento de indicação nos pronomes demonstrativos, embora inclua *ware*, “eu”, *nanji*, “tu” e *kare*, “ele”, como pertencentes também a essa classe. Entretanto, apenas ressalta o seu caráter de indicação, não os relacionando à situação de discurso. Levanta ainda uma outra classe de palavras denominada *shiji fukushi*, “advérbio demonstrativo”, ligada à noção de mostração: *sunauachi*, “logo, eis aqui incontinenti”, *vorifuxi*, “nesse momento”, *sokujini*, “logo”, *miguirini*, “nesse tempo”, etc.

Como vemos, o autor se refere aos membros de ambas as classes dos mostrativos (dêiticos e anafóricos) pelo termo pronome, cuja característica básica é, ainda, a de substituir o nome.

2. Noções propostas por Ôtsuki

Fumihiko Ôtsuki (*Daigenkai*, “O Grande Dicionário”, 1889, *Gohô Shinan*, “Orientação Gramatical”, 1897) define o pronome (*daimeishi*) como uma “palavra que, consistindo uma espécie de substantivo (*meishi*), substitui o nome das coisas, apontando-as⁽⁵⁾”

(5) *meishino isshunite jibutsuno nani kaete soreo sashite iu gonari* (*Op. cit.*, p. 5).

Segundo ele, os pronomes apresentam duas funções essenciais, a saber:

- a) *jindaimeishi*, “pronome pessoal” - substitui a pessoa;
- b) *shijidaimeishi*, “pronome demonstrativo” - substitui as coisas.

Destaca três classes para o pronome pessoal:

- 1) *jishô*: “aquele que o remetente emprega em substituição ao seu próprio nome”;
- 2) *taishô*: “aquele que o remetente emprega em substituição àquele a quem se dirige, isto é, ao destinatário”;
- 3) *tashô*: “a outra pessoa que não seja nem o remetente nem o destinatário; e o *futeishô* (uma espécie de *tashô*): “a pessoa não identificada ou cuja identidade se ignora”

Nota: Convencionaremos, neste trabalho, a utilização da expressão “auto-designação” para indicar a noção de *jishô*, isto é, os termos segundo os quais o falante designa-se a si próprio como remetente da mensagem; a expressão “designação do destinatário” para indicar a noção de *taishô*, isto é, os termos cujo sentido indica que o destinatário é a pessoa a quem o remetente se dirige (incluída aqui a noção de “destinatário enquanto figura oponente ao remetente”, contida na palavra “*tai*” = “que se coloca do outro lado”, “o polo oposto”). Usaremos também a expressão “designação de outros” para indicar a noção de *tashô*, ou seja, os termos cujo sentido se refere a outras pessoas do discurso, não-pertencentes ao eixo eu-tu. Traduziremos o termo *futeishô* (uma subclasse de *tashô*) por “designação indefinida”, incluindo nesta classe os termos — pessoas ou objetos — cuja identidade é ignorada (“quem”, “onde”, “qual”, etc.).

Assim, Ôtsuki registra os pronomes pessoais mais usuais:

jishô - *ware*, “eu”;

taishô - *nanji*, “você”;

tashô - *kare*, *are*, “ele”;

futeishô - *tare*, *dare*, “quem”;

e ressalta, além desses, a existência de inúmeras formas antigas e modernas que contêm a noção de respeito ou descortesia (*sonpi*) e de elegân-

cia, própria da linguagem literária ou escrita, bem como de deselegância, própria da linguagem de uso popular (*gazoku*). Assim, por exemplo:

jishô – *wa, maro* (uso masculino, com a noção de respeito), *chin* (forma usada pelo imperador), *warawa* (uso feminino), *yatsugare* (com a noção de modéstia).

Para os pronomes que substituem os acontecimentos (*koto*), os objetos (*mono*), os lugares (*chii*), a direção (*hokô*), destaca quatro funções:

kinshô - para indicar elementos bem próximos;

chûshô - para indicar elementos relativamente distantes;

enshô - para indicar elementos bem distantes;

futeishô - para indicar elementos desconhecidos ou ignorados.

Para melhor visualização e compreensão, apresentamos o quadro nº 1, na página 38.

Ôtsuki atribui a função de pronome demonstrativo, *shijidaimeshi*, para os pronomes **KO, SO, A, KA** que, juntados à partícula **NO** (que pertence a *tenioha*, isto é, o conjunto de partículas que indicam função sintática ou *joshi*. *Op. cit.*, pág. 479), antecedem um nome.

Como bem se pode observar, a exemplo do que ocorre com Rodriguez, Ôtsuki considera como função principal do pronome o fator “substituição do nome”. Entretanto, já fornece referência implícita à sua função dêitica. Quando define as noções de *kinshô*, *chûshô*, *enshô* e *futeishô*, que veiculam idéias de proximidade e de distanciamento, já as relaciona implicitamente com a posição do remetente ou do destinatário na mensagem. Em outras palavras, já chega a levar em conta a dimensão pragmática que rege o funcionamento dos pronomes, embora sua preocupação se restrinja ao campo da análise morfológica.

Note-se que o *futeishô* (qual, onde, em que direção, quem, etc.) é inserido na categoria dos pronomes pessoais e dos demonstrativos, ao contrário do que ocorre no português, onde esses elementos são considerados pronomes interrogativos ou pronomes indefinidos.

Embora Ôtsuki se preocupe basicamente com a pessoalidade, não chega a definir o que seja pessoa nem a noção de distância e proximidade relacionada aos componentes dêiticos do discurso (locutor ou interlocutor do discurso). É bem verdade que já fornece alguns indícios vagos quanto à inclusão do locutor ou do interlocutor, quando analisa os chamados pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas que denotam noções de respeito, modéstia, polidez, etc. Vemos que essas formas misturam, ao mesmo tempo, critérios sociais e lingüísticos: o *status* do locutor e do interlocu-

	<u><i>kinshô</i></u> "próximo"	<u><i>chûshô</i></u> "intermediário"	<u><i>enshô</i></u> "distante"	<u><i>futeishô</i></u> "indefinido"
objetos e fatos	<i>kore</i> "isto"	<i>sore</i> "isso"	<i>are</i> <i>kare</i> "aquilo"	<i>izure</i> "alguma coisa" <i>nani</i> "o que" <i>dore</i> "qual"
localização espacial (lugar)	<i>koko</i> "aqui"	<i>soko</i> "aí"	<i>ashiko</i> <i>kashiko</i> <i>asoko</i> "lá"	<i>izuko</i> "algum lugar" <i>izuku</i> "onde" <i>doko</i> "onde"
direção	<i>konata</i> <i>kochi</i> "este lado"	<i>sonata</i> <i>sochi</i> "esse lado"	<i>anata</i> <i>kanata</i> <i>achi</i> "aquele lado"	<i>izukata</i> "alguma pessoa" <i>donata</i> "quem" <i>izuchi</i> "quem" <i>dochi</i> "em que direção"

Quadro nº 1 - Esquema dos mostrativos, segundo Ôtsuki

tor determinam os vários pronomes a serem usados. Assim, por exemplo, o pronome de 1ª pessoa (ou *jishô*) *chin*, “eu”, só pode ser utilizado na situação de discurso onde o locutor é o imperador.

No tocante aos demonstrativos, o autor dá ênfase ao componente mostrativo⁽⁶⁾, mas ainda não explicita a função desses elementos, ligados à noção de localização temporal ou espacial dos componentes pragmáticos do discurso.

3. Noções propostas por Yamada

Yoshio Yamada, (*Nihon Kôgohô Kôgi*, “Tratado sobre a Língua Japonesa Falada”, 1.922), tem, com referência à classe dos pronomes, uma postura bastante diferente daquela assumida tanto por Rodriguez como por Ôtsuki, ao assinalar, de maneira explícita, o “fator subjetivo” como elemento fundamental que determina seu funcionamento. Entretanto, postula o pronome como um elemento nocional (ou *taigen*) utilizado para indicar os objetos, com valor de substituição dos nomes:

“Meimokuo iu kawarini mochiiru kotobano gide, jibutsuo sasu-ni mochiiru taigendearu.”

“É uma palavra nocional que se utiliza em lugar do nome, para apontar coisas e fatos” (*Op. cit.*, p. 28).

“Daimeishiwa taigenno issyunishite, jittai sono monoo chokusetsuni arawasazushite, tada soreo kansetsuni shijiseru mononari.”

“É uma espécie de palavra nocional que não indica diretamente a própria substância das coisas, mas apenas aponta essa coisa, de maneira indireta” (*Nihon Bunpôron*, 1970, p. 187).

Segundo ele, o termo *daimeishi*, “pronome”, é uma tradução do inglês *pronoun* que, por sua vez, teve origem no latim *pronomen*. Destaca a função mostrativa do pronome: enquanto o substantivo é utilizado “como nome” (*as name*) o pronome é usado “no lugar do nome” (*for name*). O pronome é uma categoria revestida de certa função subjetiva, cujo referente se modifica conforme o pensamento dos interlocutores da mensagem. Caracteriza-se por não apresentar somente o conceito (como ocor-

(6) *Sashishimesu io nasu*, “desempenham o sentido de mostração” (*Op. cit.*, p. 7).

re com o substantivo), mas por transformar os seus conteúdos de acordo com a subjetividade dos interlocutores⁽⁷⁾. Essa propriedade, segundo o autor, é gerada pela função mostrativa do pronome. Por esta razão, na análise que empreende, a maneira segundo a qual o pronome "aponta" é mais importante do que o "elemento apontado". Ainda segundo o autor, o inglês possui, na categoria dos pronomes, o possessivo, o relativo, o interrogativo e o adjetivo, o que não ocorre em japonês. Os pronomes possessivo e adjetivo em japonês são formados pela junção das partículas **NO** e **GA** ao substantivo.

O relativo é uma categoria que não existe na língua japonesa, uma das características, aliás, que distingue as línguas uralo-altaicas das línguas indo-européias. Ainda quanto às características dos pronomes da língua japonesa, o autor aponta a inexistência de distinção de gênero e número, de tal forma que a categoria "pluralidade" só pode ser expressa pela repetição do pronome (ex.: *wareware*, "nós", *naninani*, "estes e aqueles", etc.) ou pelo acréscimo do sufixo **RA** e **DOMO** (ex.: *wareRA*, "nós", *kimiRA*, "vocês", *soreRA*, "esses", *tareDOMO*, "quem", no plural). Na maioria das vezes, o pronome, na sua forma singular, pode expressar tanto o plural quanto o singular.

Yamada chega a definir a noção de pessoa (*shôkaku*) como "método de mostraçãõ que o remetente determina segundo a sua intenção⁽⁸⁾": às funções desempenhadas pelas 1ª, 2ª e 3ª pessoas, dá o nome de *jishô*, "auto-designaçãõ", *taishô*, "designaçãõ do destinatário" e *tashô*, "designaçãõ de outros elementos fora do eixo eu-tu". Dentre as três categorias, *jishô* e *taishô* são utilizadas para designar pessoas, enquanto *tashô* se adequa tanto a pessoas quanto a objetos, a lugares ou à indicaçãõ da noçãõ de direçãõ. Além desses elementos, *tashô* pode ser utilizado para nos referirmos a assuntos indeterminados ou desconhecidos:

jishô - *ware*, *watakushi*, "eu";

taishô - *kimi*, *anata*, "tu", "você";

tashô - *dare*, "quem";

kore, "isto";

sore, "isso";

are, "aquilo";

(os três últimos podem ser utilizados tanto para indicar pessoas quanto objetos).

(7) "*setsuwashano kokorono hatarakini yotte shujuno monoo sasu*", "Aponta para diversas coisas, por meio da atuação subjetiva do narrador" (*Nihon Kôgohô Kôgi*, 1970, p. 29).

(8) "*hanashio suru monono ikôni yotte kubetsuserareta shijino hôhō*" (apud *Nihon Kôgohô Kôgi*, 1970, p. 31).

Essa divisão tripartite é utilizada amplamente por grande parte dos estudiosos. Entretanto, diz o autor, é necessário refutar aqueles que consideram os três casos como elementos que se referem exclusivamente a pessoas, haja vista que o *tashô* não se restringe à designação de pessoas, mas abrange também a indicação de “qualquer elemento (objeto) que possa surgir no discurso⁽⁹⁾” Considerar que os pronomes de 3ª pessoa (*tashô*) se referem somente a pessoas é um argumento enganoso que decorre da tradução literal e errônea do termo *person* do inglês para o termo *ninshô* do japonês. Em inglês, os chamados pronomes de 3ª pessoa recobrem três marcas de gênero, três marcas de casos e duas marcas de número porque representam nomes de variadas espécies. Entretanto, considerando somente o aspecto superficial do termo pronome, os gramáticos japoneses adaptaram a tradução *ninshô* para *person*, destacando para a 3ª pessoa somente os pronomes *kare*, “ele”, e *dare*, “quem”, incluindo os termos *kore*, “isto”, *sore*, “isso”, *are*, “aquilo”, e *izure*, “qual”, nos chamados pronomes demonstrativos (ou *shiji daimeishi*), outra vez, traduzido do inglês *demonstrative pronoun*. No caso do japonês, a função adjetiva é desempenhada pelas partículas adjetivas **NO** e **GA**. A falha dos gramáticos japoneses estaria, portanto, no fato de considerarem esses elementos demonstrativos como categorias separadas dos pessoais. É preciso, continua o autor, muita cautela na adaptação em japonês das categorias gramaticais utilizadas pela gramática ocidental.

A seguir, classifica os pronomes pessoais:

1ª pessoa - *watakushi*;

ore;

boku;

ware.

Desta série de pronomes pessoais, *watakushi* e *boku* eram originalmente substantivos, sendo *ore* o único pronome por excelência, forma, aliás, pertencente à 2ª pessoa na língua clássica (a rigor, em japonês, existem pronomes pessoais originariamente de 1ª pessoa);

2ª pessoa - *anata*, originário da 3ª pessoa da língua clássica;

omae, originariamente com sentido de respeito, hoje com
noção de depreciação;

kimi, originariamente substantivo;

(9) “/ ... / *daisanninshôto iu monowa hitoni kagirazu, nandemo hanashini agaru mono subeteo sasu kotoga dekiru / ... /*”. In: *Nihon Kôgohô Kôgi*, 1970, p. 32.

3ª pessoa - divididos em duas categorias:

a) teishô ou "definidos", pronomes que estabelecem claramente o referente:

kore, "isto";
sore, "isso";
are, "aquilo";

b) futeishô ou "indefinidos", pronomes que indicam desconhecimento do referente:

dare, "quem";
nani, "o que";
dore, "qual"

Os pronomes de 3ª pessoa pertencentes ao 1º grupo (teishô) indicam não só a distância ou a proximidade espacial ou temporal do remetente em relação ao destinatário, mas o grau de intimidade entre os dois interlocutores. Constituem uma classe de palavras peculiares à língua japonesa, porque, embora sendo pronomes pessoais de 3ª pessoa, estão intimamente imbricados com as noções de kinshô — elementos que se referem a objetos ou fatos que se encontram num plano espaço-temporal de proximidade ou intimidade com o remetente, chûshô — elementos que se referem a objetos ou fatos situados num plano espaço-temporal de proximidade ou intimidade com o destinatário, e enshô — elementos distantes do remetente e do destinatário.

Os pronomes pessoais pertencentes à categoria futeishô se referem a objetos ou fatos cuja proximidade física ou psicológica se mostra obscura, duvidosa, vaga, embora não seja de todo desconhecida. Por exemplo:

- *dore, donata*, "quem", para pessoas;
- *dore*, "qual", *nani*, "o que", para coisas;
- *doko*, "onde", para lugares;
- *dotchi, dochira*, "em que direção", para direção (hokô).

Yamada registra a inadequação de se considerar os pronomes da classe futeishô como sendo pronomes interrogativos (ou de dúvida), porque nem sempre indicam dúvida. Os exemplos abaixo deixam clara esta posição:

1. **DARE***ka kawakamino hôde fueo fuite iru.*

"Alguém (que não sei bem quem é) está tocando uma flauta no rio acima."

2. *Yoku mimio sumasuto nao nisanbano koega* **DOKO***kade kikoeru yôda.*

"Acurando os ouvidos, parece que ainda se ouve, em algum lugar,

o cantar de duas ou três aves.”

3. *Soremo yoiga DAREga sono suzuo tsukeni ikuka.*

“Isso está bom, mas quem é que vai colocar esse sino?”

4. *DOREkara tote yoika sasugani mayoudarô.*

“Acho que realmente vai ficar em dúvida sobre qual deles deve tirar primeiro.”

5. *DAREdemo yoikara hayaku kitekure.*

“Venha logo, por favor, não importa quem seja.”

6. *Umawa DOREmo mina ikioikonde iru.*

“Os cavalos estão, todos, eriçados.”

Nos exemplos 1 e 2, os pronomes *dare*, “quem”, e *doko*, “onde” se referem a elementos vagos (ou não-claros, de acordo com Yamada); nos exemplos 3 e 4, os pronomes *dare*, “quem”, e *dore*, “qual” contêm sentido de dúvida ou de interrogação, enquanto os exemplos 5 e 6 realizam uma mostraçãovaga, não determinada. Numa análise comparativa entre as línguas inglesa e a japonesa, Yamada destaca a necessidade de se instituírem as categorias de pronome indefinido e interrogativo em inglês, o que decorre não só de uma necessidade de distinção semântica dos elementos, como também da própria necessidade de enquadrá-los gramaticalmente como classe distinta dos demais pronomes. Em japonês, esta distinção se torna desnecessária, porque os pronomes indefinidos e interrogativos possuem uma estrutura idêntica à dos pronomes pessoais.

Yamada vê, portanto, a classe dos pronomes, divididos em três grupos. Veja o quadro de número 2, à página seguinte.

Resumindo, diremos que Yamada teve o mérito de levantar o aspecto mostrativo dos pronomes, regido pela intenção (*ikô*) dos protagonistas do processo comunicativo, intensão essa gerada pelo fator subjetivo ou psicológico. Segundo seu entender, o japonês possui unicamente dois tipos de mostrações:

- a) mostraçãoreflexiva (*hanshashiji*);
- b) mostraçãopropriamente dita (*shôkakushiji*).

O primeiro tipo não se relaciona com o caráter de mostraçãodos pronomes, pois também pode indicar o próprio substantivo. A língua japonesa não possui o pronome possessivo ou o pronome adjetivo (estes incluem-se na função adjetiva, construída pelas partículas **NO** e **GA**); o pronome interrogativo não é senão uma função do chamado “pronome pessoal” do tipo *futeishô*; o pronome relativo também não existe em japonês. Em sua forma natural, os pronomes não estão nem no singular, nem no plural, podendo indicar os dois números; além disso, não indi-

1ª pessoa (<i>jishō</i>)	2ª pessoa (<i>taishō</i>)	3ª pessoa (<i>tashō</i>)		
		<i>teishō</i> (definido)		
		<i>kinshō</i> (próximo)	<i>chūshō</i> (intermediário)	<i>enshō</i> (distante)
		<i>futeishō</i> (indefinido)		
<i>watakushi</i>	<i>anata</i>			
<i>watashi</i> (<i>ware</i>) (<i>ore</i>) (<i>boku</i>) "eu"	<i>omae</i> (<i>kimi</i>) "tu" "você"	****	****	<i>donata</i> <i>dare</i> "quem"
		<i>kore</i> "este"	<i>sore</i> "esse"	<i>dore</i> "qual" <i>nani</i> "o que"
		<i>koko</i> "aqui"	<i>soko</i> "aí"	<i>doko</i> "onde"
		<i>kotchi</i> <i>kochira</i> "este lado"	<i>sotchi</i> <i>sochira</i> "esse lado"	<i>dotchi</i> <i>dochira</i> "que direção"
			<i>asuko</i> "ali" "lá"	lugar
			<i>atchi</i> <i>achira</i> "aquele lado"	direção
Quadro nº 2 - Esquema dos mostrativos, segundo Yamada				

cam gênero de natureza alguma.

De acordo com os diferentes modos de mostração, a 3ª pessoa divide-se em *kinshô*, *chûshô* e *enshô*, divisão baseada não só no critério de proximidade física mas também na noção de intimidade ou não-intimidade entre as pessoas do discurso.

Embora de maneira velada, Yamada ressalta o caráter pragmático dos pronomes que, como tínhamos registrado no artigo anterior^(IV), funcionam como signos dêiticos e anafóricos relativos.

4. Os mostrativos, segundo Matsushita

Os estudos propostos por Daizaburô Matsushita (*Hyôjun Nihon Kôgohô*, "Gramática da Língua Falada Padrão Japonesa", obra datada de 1927) são de grande importância para o entendimento dos signos dêiticos porque, antes mesmo de Kanae Sakuma (cf. item 7 deste capítulo), analisou os mostrativos segundo a relação de domínio (*nawabari*) do remetente e do destinatário na mensagem.

Matsushita considera a classe dos pronomes como parte dos substantivos, baseando-se no fato de que ambos são elementos que expressam o conceito dos objetos:

"Meishito daimeishiwa izuremo jibutsuo arawasu gode atte, sono bunshôchûni oite shugotari kyakugotaru tenni oite nanranô kawariwa nai."

"Tanto o substantivo quanto o pronome são palavras que exprimem coisas e não apresentam nenhuma diferença no fato de desempenharem funções de sujeito ou objeto dentro da frase."

Entretanto, a característica do pronome repousa no fato de ser ele um substantivo cujo significado se configura individualmente em cada momento, por meio da relação que mantém com o elemento enfocado. Para ele, o pronome não é uma categoria cujo uso se encontra constantemente definido e sistematizado. Por exemplo, *watakushi*, "eu", é estabelecido pelo próprio remetente; dito por Tarô, refere-se a Tarô; dito por Jirô, refere-se a Jirô. O objeto referido só se configura pela situação de cada discurso.

Prosseguindo seus estudos em linha contrária à de Yamada, Matsushita condena a inclusão dos pronomes de 3ª pessoa pertencentes à classe *futeishô*, "indefinidos" (*dare*, "quem", *doko*, "onde", *dore*, "qual"), na categoria de pronome. Para ele, esse tipo de pronome, a que denominou *miteimeishi* ou "substantivo indefinido", tem como função apenas reco-

nhecer a existência do conceito, sem contudo determinar especificamente o seu referente. Defende, pois, a necessidade de se classificar os ditos pronomes em três categorias:

1. substantivo propriamente dito (*honmeishi*);
2. pronome (*daimeishi*);
3. substantivos indefinidos (*miteimeishi*).

O autor prossegue: na hipótese de não considerarmos a terceira categoria, deveremos incluir os interrogativos (*gimon*) dentro da classe do pronomes e os indefinidos (*futei*) dentro da classe do substantivo propriamente dito. Assim, os interrogativos — *dare*, “quem”, *doko*, “onde”, *dore*, “qual” — seriam pronomes porque:

- *dare* indica “eu” (*watakushi*), “você/tu” (*nanji*) ou “ele” (*kare*);
- *doko* indica “aqui” (*koko*), “aí” (*soko*) ou “ali/lá” (*asoko*);
- *dore* indica “este” (*kore*), “esse” (*sore*) ou “aquele” (*are*).

Os indefinidos - *nani*, “o que”, *ikutsu*, “quantos”, e também *itsu*, “quando” - seriam substantivos propriamente ditos porque se referem diretamente a objetos.

Embora tenha ressaltado a função de substituição para os pronomes, o autor nos fornece o componente dêitico como elemento básico relacionado ao pronome. O significado de cada pronome é definível pelo campo de domínio dos participantes do discurso, sendo tais pronomes passíveis de substituição, de acordo com a situação de discurso onde se realizam. Matsushita enfatiza a função de mostração do pronome, mas tenta explicá-lo em paralelo com o substantivo: o primeiro aponta para o objeto de maneira indireta, e o segundo de maneira direta.

5. A teoria pronominal de Hashimoto

Em seu artigo “*Daimeishi*”, “Pronome”, publicado em 1938, Shinkichi Hashimoto afirma que o pronome não é a palavra que fica no lugar do nome, mas o elemento que aponta diretamente para a pessoa ou para o objeto referido na mensagem, por meio da relação que estes mantêm com o remetente. A classificação dos pronomes em duas classes - pessoais e demonstrativos - não é uma distinção adequada porque o traço mostrativo recobre não só os demonstrativos mas também os pessoais. Distingue, assim, quatro categorias de pronomes: *jishô*, *taishô*, *tashô* e

futeishô, sendo que os demonstrativos se inserem dentro das duas últimas categorias. Segundo esse ponto de vista, o pronome demonstrativo é uma categoria que não se opõe ao pessoal; ao contrário, ela faz parte da classe do pronome pessoal (*jindaimeishi*).

Embora apontem para um objeto ou uma pessoa do discurso, os pronomes reflexivos (*jibun, jiko, jishin, onore*, etc.) não são pronomes pessoais porque não há neles o traço de pessoalidade.

Os pronomes de 3ª pessoa podem dividir-se em três categorias, de acordo com a posição dos objetos em relação ao remetente e ao destinatário:

- kinshô, perto do remetente;
- chûshô, relativamente longe do remetente;
- enshô, distante do remetente e do destinatário;
- futeishô, distância ou proximidade desconhecida pelo remetente.

A exemplo de Yamada (e também de Sakuma, conforme veremos mais adiante), Hashimoto define o pronome — tanto o pessoal como o demonstrativo — como palavra cuja característica essencial é a de realizar uma função de mostração dentro do discurso. Não chega, entretanto, nem ao aspecto psicológico que governa tais palavras, nem ao aspecto da mobilidade (os vários significados que toma de acordo com a posição dos interlocutores do discurso) que é decorrência do primeiro.

6. A teoria de Tokieda

Para Motoki Tokieda — autor de "*Daimeishi*" (1) e (2), "Pronome", 1950 — o termo *daimeishi*, "substituto do nome" (= pronome), foi criado na tradução de obras gramaticais holandesas para a língua japonesa. O autor considera *daimeishi* como uma categoria gramatical distinta dos nomes nocionais (*taigen*). Enquanto estes designam o conceito, o pronome tem como função principal, além da função mostrativa, a de indicar uma relação entre o remetente e o discurso, onde o primeiro é o ponto de referência.

Tokieda distingue os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. A 1ª pessoa é utilizada somente quando o remetente se coloca a si próprio como desempenhando esse papel; a 2ª pessoa, quando o remetente expressa algo a alguém considerado por ele (remetente) como sendo o destinatário; a 3ª pessoa, quando o remetente considera alguém ou alguma coisa como sendo o assunto da conversa. Para ele, o pronome não é um termo que

exprime o conceito dos objetos, mas a relação entre o remetente e o conteúdo do discurso; ele determina a relação de:

- a) proximidade ou distanciamento entre o remetente ou o destinatário, e o conteúdo do discurso;
- b) 3ª pessoa;
- c) desconhecimento do fato ou do objeto denotado por parte do remetente.

Os pronomes exprimem, pois, as funções desempenhadas pelas pessoas no discurso. Assim, Tokieda apresenta o quadro dos mostrativos, que transcrevemos na página seguinte.

Como se vê, “o pronome é um termo que expressa um conceito de relação entre o remetente e o conteúdo dos objetos assim referidos” (*Op. cit.*, p. 76). É por esta razão que os pronomes referentes a pessoas, objetos, lugares e direções podem ser designados pronomes-substantivos, enquanto aqueles que estabelecem sua relação com o objeto por meio da função adjetiva e aqueles cuja função é adverbial podem ser denominados, respectivamente, pronomes-adjetivos e pronomes adverbiais. Também verificamos, pelo quadro da página seguinte, que as formas mais básicas do pronome são **KO - SO - A - DO**, categorias que contêm a indicação de relação do discurso com o produtor do discurso.

Tokieda critica o fato de se considerar tais formas como pronomes. Eles têm sido considerados como termos que apontam para um objeto. Essa noção resulta da influência das traduções de gramáticas estrangeiras. A função de mostraçãõ não é seu traço essencial e, sim, a noção de relação ou a maneira de especificar essa mostraçãõ no conjunto remetente/objeto denotado. Segundo essa perspectiva, a função de mostraçãõ é uma consequência do seu traço essencial - o conceito de relação entre o remetente e o discurso. Assim definido, o pronome permite uma grande economia lingüística, porque expressa em uma única palavra a relação de todo o conteúdo de um acontecimento com os vários componentes configuradores da situação de discurso. Por outro lado, pelo fato de exprimir um conteúdo abstrato e vago, pode provocar muitos mal-entendidos.

Embora tenha observado como função básica do pronome a noção de relação entre o remetente e o discurso, Tokieda não registra o fator subjetivo que governa a efetivação dos mostrativos. Não distingue também, de maneira explícita, os usos anafóricos dos dêiticos.

Apesar de ter denunciado a inadequação de *daimeishi*, “pronome”, Tokieda continua empregando-o com frequência para referir-se aos ter-

espécies	relação com o remetente		direção	relação	estado
	objeto	relação			
Remetente (1a. pessoa)	<i>watashi</i> <i>boku</i> "eu"	****	****	****	****
	<i>anata</i> <i>kimi</i> "você"	****	****	****	****
Destinatário (2a. pessoa)	<i>konokata</i> "esta pessoa"	<i>ko</i> "este" <i>kore</i> "isto"	<i>kochira</i> <i>kotchi</i> "este lado"	<i>kono</i> "este"	<i>koo</i> <i>konnani</i> "desta maneira"
	<i>sonokata</i> "essa pessoa"	<i>so</i> "esse" <i>sore</i> "isso"	<i>sochira</i> <i>sotchi</i> "esse lado"	<i>sono</i> "esse"	<i>soo</i> <i>sonnani</i> "dessa maneira"
	<i>anokata</i> "aquela pessoa"	<i>a</i> <i>are</i> "aquele"	<i>achira</i> <i>atchi</i> "aquele lado"	<i>ano</i> "aquele"	<i>aa</i> <i>annani</i> "daquela maneira"
	<i>donokata</i> <i>donata</i> "quem"	<i>do</i> <i>dore</i> "qual"	<i>dochira</i> <i>dotchi</i> "que lado"	<i>dono</i> "qual"	<i>doo</i> <i>donnani</i> "de que maneira"
assunto (terceira pessoa)	<i>kinshô</i> "próximo"	<i>chûshô</i> "distância intermediária"	<i>enshô</i> "distante"	<i>futeishô</i> "indefinido"	pronome-substantivo (<i>meishiteki daimeishi</i>)
					pronome-adjetivo (<i>keiyôshiteki daimeishi</i>)
					pronome adverbial (<i>fukushiteki daimeishi</i>)

Quadro nº 3 - Esquema dos mostrativos, segundo Tokieda

mos que indicam essencialmente, segundo ele próprio, uma noção de relação entre o discurso e os componentes do discurso.

7 A posição de Sakuma

Em *Gendai Nihongo Hyôgento Gohô*, "A Expressão e a Gramática da Língua Japonesa Moderna", 1936, Kanae Sakuma inicia seus estudos referentes ao pronome, refutando as posições postuladas por Fumihiko Ôtsuki e Yoshio Yamada, segundo os quais a função de "substituição" é relevante na definição dos pronomes. Para Sakuma, não é correto definir o pronome pela sua função de substituição, seja ela direta ou indireta; aliás, Sakuma chega a condenar Yamada por ter este afirmado que o pronome substitui o nome de maneira indireta, pois para ele (Yamada) o fator fundamental que distingue a categoria dos pronomes das outras classes de palavras é essencialmente a sua função de mostrar ou de apontar para os objetos referidos diretamente. Para reforçar essa perspectiva, Sakuma cita o gramático Kiyokado Yasuda que, em seu trabalho *Kokugohô Gaisetsu*, "Teoria Geral da Gramática Japonesa" atribui ao pronome uma definição mais adequada: a verdadeira natureza do pronome está na sua função de centralizar a atenção dos interlocutores envolvidos na situação de comunicação; o pronome é uma palavra que "aponta" para os objetos. Outra posição de grande importância no estudo dos pronomes, prossegue Sakuma, é aquela defendida por Kôkichirô Yuzawa, o qual define o pronome como a palavra que se destina a apontar os acontecimentos, de maneira direta.

Para se definir o pronome, é necessário levar em conta o seu aspecto fundamental: a função de *shiji* (que o próprio autor traduz pela palavra inglesa "*orientation*"), acoplada à noção de posicionamento do remetente e do destinatário. Tendo como ponto de referência o *eu* e o *tu* da mensagem, os pronomes indicam não só a posição das pessoas (*hito*), mas também a posição dos objetos (*mono*), das direções (*hōgaku*), dos lugares (*basho*), das qualidades (*seijō*), das designações ou especificações (*shitei*), da "maneira" (*yōsu*). Diante dessa variedade de sentido que o termo *pronome* recobre, Sakuma julga-o inconveniente e propõe o termo *shijishi* ("mostrativos") ou *shimesu go* ("palavras que apontam").

Assim entendidos, os mostrativos desempenham três tipos distintos de mostração:

- *kinshō* - indicação de proximidade com relação ao remetente;
- *chūshō* - indicação de proximidade com relação ao destinatário;

- enshō - indicação de não-proximidade com relação ao remetente e ao destinatário.

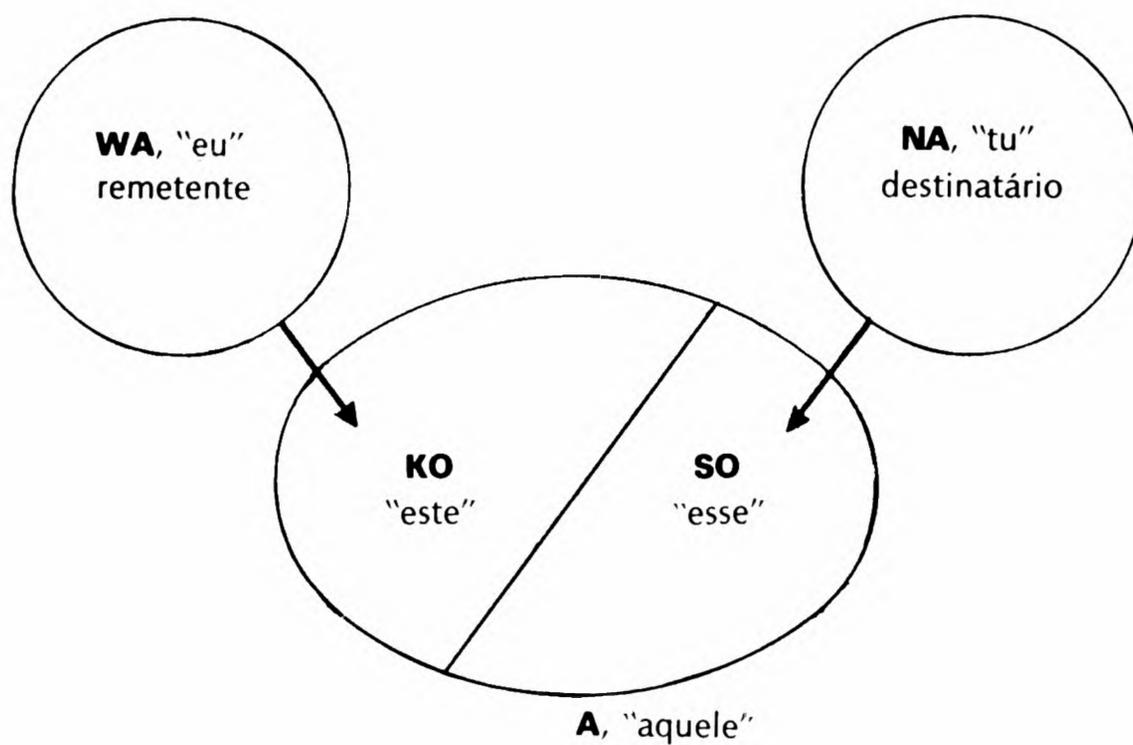
Essa função de proximidade ou não-proximidade, por sua vez, encontra-se intimamente ligada à relação de confrontação, determinada pela situação de enunciado que é, a seu turno, configurada pelas funções jishō ("auto-designação"), taishō ("designação do remetente") e tashō ("designação de outros elementos fora do eixo eu-tu"). O problema não reside unicamente no estabelecimento de proximidade ou não com relação ao remetente, mas na questão do círculo de influência (*seiryoku kennai* ou ainda *nawabari*, em termo popular = "área de poder ou domínio") dos componentes básicos do discurso (remetente e destinatário). Assim, os mostrativos da classe **KO** (**KO**re, "isto", **KO**ko, "aqui" e outros) apontam para os elementos (lugares, direções, etc.) situados dentro da área de domínio do remetente; os mostrativos da classe **SO** (**SO**re, "isso", **SO**ko, "aí" etc.) apontam para os elementos situados dentro da área de domínio do destinatário e os da classe **A** (**A**re, "aquilo", **A**soko, "lá" etc.), para os da área de domínio dos demais elementos que não o remetente e o destinatário.

Essa mostraçãõ na estrutura do discurso é dividida em duas classes, a saber: pronomes pessoais e pronomes demonstrativos, os quais recebem a denominação global de ninshō daimeishi (ou pronomes que contêm noção de pessoalidade). Deste modo, os pronomes demonstrativos ou da classe tashō (em **KO**, **SO** e **A**) se incluem dentro dos pronomes pessoais de 3ª pessoa. Além desses casos, há também os futeishō, de pessoalidade desconhecida, que se referem aos pronomes interrogativos e aos indefinidos.

A relação de oposição entre o remetente e o destinatário estabelece a situação de enunciação, produzindo o *nawabari* (isto é, a "área de domínio") dos componentes do discurso:

- área de domínio do **WA**, "eu" - círculo de influência do remetente;
- área de domínio do **NA**, "tu" - círculo de influência do destinatário;
- área de domínio do **A**, "ele" - círculo de influência dos demais elementos configuradores da situação de discurso.

Para Sakuma, a situação de enunciado corresponde ao lugar da mostraçãõ (*hanashino ba* = *shijino ba*):



NOTA: **WA** e **NA** são, respectivamente, pronomes antigos de 1ª e 2ª pessoas.

O elemento apontado na estrutura do discurso não se restringe somente a pessoas, mas refere-se também a objetos, fatos, lugares etc.

O quadro exposto à página seguinte comprova a correspondência entre *kinshô*, "próximo", *chûshô*, "distância intermediária", *enshô*, "distante" e *jishô*, "auto-designação", *taishô*, "designação do destinatário", *tashô*, "designação de outros". As noções de proximidades e não-proximidade devem definir-se pelo estabelecimento de traços de produção, de recepção e de configuração de espaço-tempo que caracterizam a situação de discurso.

Cabe a Sakuma o mérito de ter sistematizado a função básica e imprescindível dos pronomes: a função de mostração e a de configuração dos componentes essenciais do discurso.

elementos apontados	classe das pessoas do diálogo	remetente (o próprio remetente)	destinatário (o objeto a ser atingido pela mensagem)	elementos não-pertencentes ao eixo <u>eu-tu</u> (3ª pessoa)	indeterminado ou indefinido
		<i>watakushi</i> <i>watashi</i> "eu"	<i>anata</i> <i>omae</i> "você" "tu"	<i>ano hito</i> "aquela pessoa"	<i>donata</i> <i>dare</i> "quem"
classe dos objetos		elementos pertencentes ao domínio do remetente	elementos pertencentes ao domínio do destinatário	elementos exteriores ao domínio do remetente e do destinatário	palavras formadas com DO "qual"
		palavras formadas com KO "este"	palavras formadas com SO "esse"	palavras formadas com A "aquele"	
Quadro nº 4 - Esquema dos mostrativos, segundo Sakuma					

8. A posição de Sakakura

Em *Nihon Bunpôno Hanashi*, "Sobre a Gramática da Língua Japonesa", 1952, Atsuyoshi Sakakura inicia seu trabalho sobre os pronomes, estabelecendo as diferenças entre estes e o substantivo: embora ambos pertençam à classe de palavras nocionais contendo noção de pessoa, objetos, fatos, lugares, etc. e possam funcionar como sujeito, o pronome está sempre relacionado com a delimitação das relações entre a posição do remetente, do destinatário e de outros elementos contidos na mensagem. O pronome pode, assim, referir-se a vários elementos do discurso e, de acordo com a natureza dos elementos a que se refere, divide-se em duas categorias.

- a) pronomes pessoais (*ninshô daimeishi*): indicam pessoas;
- b) pronomes demonstrativos (*shiji daimeishi*): indicam objetos, fatos, lugar, direção, etc.

O autor afirma a inadequação da denominação "pronome demonstrativo" bem como o próprio termo "pronome" para designar a classe de palavras que recobre tão variada gama de realidades. Entretanto, não chega a propor outras denominações.

Ressalta o uso dos pronomes de 3ª pessoa que, comumente, surgem como pronomes demonstrativos, indicando pessoa (por exemplo, *kono kata*, "esta pessoa", *sono kata*, "essa pessoa", etc.).

Para Sakakura, a natureza básica de mostração dos pronomes reside não só no caráter de proximidade/não-proximidade ou da noção de posse do elemento referido com relação aos interlocutores do discurso, mas essencialmente num círculo (*enshû*) dentro do qual se insere ora o remetente, ora o destinatário, ora ambos concomitantemente.

Deste modo, *kore*, "isto", refere-se a um círculo onde se insere o remetente como ponto central de referência; *sore*, "isso", a um círculo onde se insere o destinatário como ponto central de referência e *are*, "aquele", ao círculo onde se insere concomitantemente o remetente e o destinatário, os quais se tornam o ponto central de referência. Para o autor, o fator distância espacial (*enkin*, "longe ou perto") não é essencial na apreensão da função e do significado do pronome. O foco principal está no fator "intimidade" (*shinkinsei*) estabelecido entre o remetente e o destinatário da mensagem ou entre eles e o objeto referido. Afirmar que se usa o pronome *kore*, "isto", para indicar um objeto situado fisicamente próximo do remetente e *sore*, "isso", para um objeto próximo do destinatário não é, segundo Sakakura, uma explicação correta. O grupo de palavras pertencentes à categoria denominada 3ª pessoa (ele, aquela pessoa, lá, aquilo, etc.) parece, à primeira vista, indicar um objeto que não

pertence ao remetente ou ao destinatário. Entretanto, quando nos referimos a um livro determinado, que está sendo objeto da conversa entre dois personagens (A e B), podemos usar **SO**, "esse", e **A**, "aquele", cada qual veiculando um sentido diferente. Vejamos:

B: *Aa AREwa watashimo yomimashita.*

"Ah, aquele eu também li."

Nesta frase, o termo **ARE**, "aquele", indica, em primeiro lugar, o conhecimento do objeto referido tanto por parte de A quanto de B: ambos se encontram dentro do mesmo "círculo"; em segundo lugar, uma noção de intimidade tanto de A quanto de B com relação ao livro referido. Se o personagem B da conversa não conhecesse o livro, isto é, se não tivesse "intimidade" com ele, diria:

B: *SOREwa donna naiyôno hon desuka.*

"Esse (livro), que conteúdo tem?"

Como vemos pelos dois exemplos, o uso de **ARE**, "aquele", estabelece maior relação de "intimidade" entre o remetente e o objeto referido do que o uso de **SORE**, "esse". Isto significa que, na análise da 3ª pessoa, a noção de distância física não é um traço relevante. O que deve ficar claro é o fato de que tanto o remetente quanto o destinatário se situam dentro de um único círculo, pois ambos conhecem o objeto referido e demonstram certa "intimidade" com ele.

A análise desenvolvida por Sakakura é toda baseada no princípio de "intimidade" veiculada pelos pronomes. O autor nos apresenta uma visão geral dos mostrativos com base na sistematização **KO, SO, A, DO** que se apresenta bastante regular e ordenada. Todos os pronomes derivam desses quatro elementos, acrescidos de determinadas partículas indicadoras de lugar - **KO**, de direção - **CHI(RA)** ou de objetos - **RE**: *koKO*, "aqui", para indicar lugar; *koCHIRA*, "deste lado", para indicar direção; *koRE*, "isto", para indicar coisas e objetos. *Kono, sono, ano* e *dono* constituem o único grupo de palavras, excluído do pronome: tem função adjetiva e, como tal, deve ser considerado como classe à parte, pertencente a *rentaishi* (palavras que formam adjuntos adnominais).

Para Sakakura, a essência do pronome está no reconhecimento que o remetente faz da relação entre ele e os demais elementos do discurso e entre ele e os objetos que quer apontar.

9. A análise de Watanabe

Em "*Shijino Kotoba*", "Palavras Mostrativas", 1952, Minoru Watana-

be apresenta uma visão inovadora para os estudos referentes aos mostrativos dêiticos da língua japonesa, especialmente no que se refere aos pronomes demonstrativos. Em sua abordagem, enfatiza o caráter dêítico dos mostrativos, porque é dessa propriedade, por ele considerada fundamental, que advém, secundariamente, a função de mostração anafórica⁽¹⁰⁾

Embora não haja uma preocupação mais profunda com os dêiticos pessoais, o citado artigo em que Watanabe trata do problema dos demonstrativos (por ele denominados "palavras mostrativas", *shijino kotoba*, e não mais "pronome"), é de importância fundamental para a compreensão da natureza dos dêiticos.

Watanabe refuta a posição da gramática tradicional que adota unicamente o critério de proximidade/não-proximidade na classificação dos dêiticos. Para ele, as noções tradicionais de *kinshô*, "próximo", *chûshô*, "relativamente distante", e *enshô*, "distante", não são suficientes para a explicação dos mostrativos. É preciso, diz, levar em conta o significado de cada um dos mostrativos dêiticos, considerados dentro do quadro de cada situação de discurso em que ocorrem. E o seu significado provém daquilo que Watanabe chama de *gengokankaku*, "sensibilidade lingüística", e de *shikô*, "faculdade de pensar", relacionados com as diferentes funções gramaticais desempenhadas pelos mostrativos.

Considerar *kore*, "isto", como um termo que aponta para um objeto próximo do remetente e denominá-lo *kinshô*, "próximo", e por outro lado, considerar *are*, "aquilo", como um termo que aponta para um objeto distante do remetente e do destinatário, denominando-o *enshô*, "distante", são fatos aceitáveis, mas, como explicar, então, a frase **KONO oto naani?**, "Que barulho é este?" para um ruído que pode vir de longe?

A seleção dos signos dêiticos não é determinada por seu conteúdo, mas pelas circunstâncias que delimitam a situação de discurso. A mostração dêítica não se dá pela relação de proximidade/distanciamento físicos (*enkin kankei*), mas pela relação de proximidade/distanciamento psicológicos, imprimida pelo remetente e pelo destinatário. A mostração dêítica decorre da postura psicológica dos componentes-base do discurso (remetente e destinatário) com relação a um fato narrado. Se é verdade que tudo é estabelecido pelo fator psicológico que envolve os protagonistas do discurso no momento da enunciação, mesmo um elemento co-

(10) Watanabe utilizou os termos "dêiticos" e "anafóricos", traduzidos do grego para o japonês. Fica, portanto, clara, em sua análise, a função de mostração das unidades lingüísticas ligadas à situação de enunciação. Toda a análise se baseia na relação entre o discurso, seu produtor e seu destinatário, bem como no conjunto dos componentes espaço-temporais que caracterizam a situação de discurso. Não usa mais o termo "pronome" para se referir aos mostrativos; denomina-os *shijino kotoba*, "palavras mostrativas" = função dêítica, e de *bunmyaku shiji*, "mostração intra-texto" = função anafórica.

locado objetivamente, numa mesma circunstância, pode, em nome desse ponto de vista subjetivo, tomar a forma *kore*, "isto", ou *are*, "aquilo", sendo que tais formas não apresentam uma sistematização fixa e rígida. Numa análise mais acurada, podemos detectar em *kore*, "isto" (*kinshô*), e *are*, "aquilo" (*enshô*), uma dupla dimensão na situação do discurso em que ocorrem: a relação entre pessoa e objeto. Ao contrário, na análise, de *sore*, "isso" (*chûshô*), somos obrigados a admitir uma tridimensionalidade: a relação objeto/remetente/destinatário. Os pronomes pertencentes à classe de *kinshô*, "isto", e *enshô*, "aquilo", não requerem necessariamente a participação de um destinatário; os pronomes pertencentes à classe de *chûshô*, ao contrário, necessitam da terceira dimensão: a presença do destinatário.

Isto posto, o autor apresenta uma análise dos mostrativos baseada numa pesquisa que realizou junto a estudantes universitárias. A investigação consistia em apresentar aos informantes um diálogo com 9 tipos de diferentes combinações dos dêiticos *kore*, "isto", *sore*, "isso", e *are*, "aquilo", pedindo para que opinassem sobre a possibilidade ou não de realização dessas combinações em língua japonesa. O diálogo que serviu de base para tal pesquisa é o seguinte:

Remetente (A): **KORE***wa anatano hondesuka.*
 "Este é seu livro?"

Destinatário (B): *Iie, KORE**wa watashino dewa arimasen.*
 "Não, este não é meu"

		Remetente (A)		Destinatário (B)		
		Pergunta:		Resposta:		
COMBINAÇÕES	1	KORE <i>wa...</i> (este)		KORE <i>wa...</i> (este)	1	
	2	KORE <i>wa...</i> (este)		SORE <i>wa...</i> (esse)	2	
	3	KORE <i>wa...</i> (este)		ARE <i>wa...</i> (aquele)	3	
	4	SORE <i>wa...</i> (esse)		KORE <i>wa...</i> (este)	4	
	5	SORE <i>wa...</i> (esse)		SORE <i>wa...</i> (esse)	5	
	6	SORE <i>wa...</i> (esse)		ARE <i>wa...</i> (aquele)	6	
	7	ARE <i>wa...</i> (aquele)		KORE <i>wa...</i> (este)	7	
	8	ARE <i>wa...</i> (aquele)		SORE <i>wa...</i> (esse)	8	
	9	ARE <i>wa...</i> (aquele)		ARE <i>wa...</i> (aquele)	9	

Diante desses 9 tipos de diálogos apresentados, os informantes declararam como perfeitamente “aceitáveis” e pertinentes as combinações dos tipos 1, 2, 4, 5 e 9, e como “inaceitáveis” as combinações dos tipos 3, 6, 7 e 8.

Os resultados obtidos demonstraram que o uso dos dêiticos pertencentes à classe de **SO** e **A** ocorre em uma das duas situações: por um lado, quando ambos os protagonistas do discurso (remetente e destinatário) estiverem colocados lado a lado (uso de **A**) e, por outro, quando estiverem um em frente ao outro (uso de **SO**). Ao contrário, os casos dos dêiticos da classe de **KO** dispensam esses dois fatores de análise, porque tanto (A) quanto (B), implicados na situação de discurso, julgam que o objeto referido (o livro, no caso) se encontra dentro de suas respectivas “áreas de domínio” (*nawabari*).

Entretanto, o critério de maior pertinência na análise desses mostrativos reside no seu aspecto psicológico ou intencional, determinado pelos protagonistas do discurso, os quais, ao relacionarem o uso de **KO**, **SO** ou **A**, inserem o objeto apontado na sua área de domínio (caso de **KO**), impelem-no da área de domínio do remetente e do destinatário (caso de **A**). Assim, por exemplo, na frase:

KOrá! *Shingôo mushisuru yatsuga aruka!*

“Ei, você! (Olha aqui!) Onde já se viu desrespeitar o farol!”

o remetente que grita **KOrá!** arrasta o destinatário para dentro de sua área de domínio, dominando-o e fazendo, assim, configurar sua posição de completo poder sobre o destinatário. Conclui-se, portanto, que o matiz de supremacia ou de poder sobre o destinatário é sugerido pela utilização do mostrativo **KO**.

Dentre as combinações analisadas, as do tipo 2 (*kore-sore*) e 4 (*sore-kore*) foram consideradas “corretas”: todos os informantes foram unânimes em considerá-las corretas. Aliás, constituem os dois tipos de combinações mais usuais na língua. A utilização de **KO** significa o reconhecimento de que o objeto apontado se insere dentro da área de domínio do remetente; a de **SO**, o reconhecimento de que o objeto apontado se insere dentro da área de domínio do destinatário.

Segundo o autor, as funções desempenhadas por **KO**, **SO** e **A** devem ser denominadas, respectivamente, *jishô*, “auto-designação”, *taishô*, “designação do destinatário”, e *tashô*, “designação de um elemento situado fora do domínio do eu-tu”. Tais denominações, segundo Watanabe, se mostram mais adequadas porque os termos *kinshô*, *chûshô* e *enshô* recobrem apenas a noção de proximidade ou distanciamento físico entre o objeto apontado e os protagonistas da enunciação.

Na combinação do tipo 1 (*kore-kore*), os interlocutores devem en-

contrar-se em lugares bem próximos um do outro, embora a noção de proximidade ou não-proximidade possua um caráter móvel ou flutuante porque depende das condições psíquicas a ela imprimidas pelos implicados na situação de discurso. De qualquer maneira, a inserção de *kore* na resposta do receptor denota sua intenção de se adentrar no território do remetente. Dizer, por exemplo, **KONO nekutai** (Esta gravata), referindo-se à gravata que o destinatário está usando, parece ser um discurso restrito à esposa do usuário, enquanto pessoa próxima a ele.

No caso dos pronomes pessoais, denominados por Watanabe *jinbutsu shiji*, "mostrativos pessoais", ocorre ainda a implicação de certas restrições sociais: no diálogo que segue, a utilização de **KONO kata**, "esta pessoa", por (A) só é permitida se ele, (A), já tiver sido apresentado ao personagem (C) de quem (A) e (B) falam:

(Situação de enunciação: A, B e C se encontram num bar).

(A) **KONO katawa kanari agarudeshô?**

"Não acha que esta pessoa bebe bastante?"

(B) **Maa, KONO hitogurai yaretara ichininmaedesuyo.**

"Bem, conseguindo beber como esta pessoa, (ela) já pode ser considerada habilitada."

Se o personagem (A) tivesse se dirigido a (B) e utilizado **SONO** (essa) referindo-se ao personagem (C), estaria cometendo um ato de pouca cortesia com relação a (C), porque estaria estabelecendo um distanciamento entre ele (A) e a pessoa referida (C), acolhendo-a mal, de forma a eliminar a cortesia, peculiar nessas situações.

Conclui-se, portanto, que, para a análise dos mostrativos, deve-se computar a inter-relação dos seguintes fatores:

- a) o grau de relacionamento das pessoas;
- b) a estruturação da situação de discurso;
- c) os mostrativos dêiticos;
- d) o elemento denotado ou referido.

Vemos que na combinação do tipo 1 (*kore - kore*), o objeto referido encontra-se normalmente próximo do remetente e do destinatário, mas não significa que as duas personagens estejam uma ao lado da outra ou que estejam uma em frente à outra; não importa a posição física de ambas, e sim o fato de que ambas consideram o objeto referido (o livro) como elemento pertencente a uma única área de domínio, onde ambas desempenham o ponto central de referência.

Nas combinações dos tipos 2 e 4 (*kore-sore* e *sore-kore*), o fator em frente ao outro é essencial para suas realizações porque a característica de **SO** está no reconhecimento, por parte do remetente, de que o

objeto referido encontra-se dentro da área de domínio do destinatário. O mesmo ocorre com a combinação do tipo 5 (*sore-sore*), em que os interlocutores da mensagem devem estar posicionados um em frente ao outro.

No caso 9 (*are-are*) temos, como primeira condição, o fato de o objeto referido (o livro) não estar ao alcance nem do remetente, nem do destinatário. Nesse caso, o remetente e o destinatário encontram-se no centro de uma mesma área de domínio, de contornos tênues, ao contrário do que ocorre com **KO** e **SO**, cujas áreas de domínio se mostram fortes e claras: no caso de **A** os interlocutores devem estar posicionados um ao lado do outro e não um em frente ao outro. O uso de **A** denota noção de “cumplicidade” dos interlocutores em relação ao objeto referido.

Sistematizando, temos:

- KO** - palavras mostrativas cujo uso se caracteriza pela situação de discurso onde o remetente e o destinatário se localizam tanto lado a lado como um em frente ao outro;
- SO** - palavras mostrativas cujo uso se caracteriza pela situação de discurso onde o remetente e o destinatário se localizam um em frente ao outro;
- A** - palavras mostrativas cujo uso se caracteriza pela situação de discurso onde o remetente e o destinatário se localizam lado a lado.

Watanabe analisa ainda as combinações que se revelam menos usadas ou “menos corretas”. A combinação do tipo 3 (*kore* e *are*) foi considerada “incorreta”, porque no momento em que (A) diz *kore*, a personagem (B) não pode lhe responder *are* pois estaria ferindo a maneira de “apontar” de (A): *are* tem como característica a intenção de colocar o objeto referido fora do domínio do interlocutor; é a maneira de mostração que distancia o objeto referido da personagem que a considerou dentro da sua área de domínio, através da utilização de *kore*. Por outro lado, a relação *are-kore* (7) não é de todo impossível, porque *are* não estabelece relação de dependência; sua característica é a de conotar certa instabilidade e de não delimitar claramente a área de domínio. Essa flexibilidade permite ao personagem (B) maior liberdade de escolha, razão pela qual ele responde *kore*, inserindo o objeto referido dentro de sua área de domínio.

Na relação 8 (*are-sore*), vemos também a liberdade de escolha proposta pelo remetente com a utilização de *are*. Entretanto, essa liberdade não é tão ampla a ponto de permitir uma resposta com *sore*. A utilização de *taishô* (*sore*, “esse”), nesse caso, significa ferir o remetente que se

referiu ao objeto como *are*, isto é, como algo que ele quer distanciar de sua área de domínio.

Sintetizando, podemos observar que Watanabe tentou analisar os mostrativos dêiticos sob vários critérios: segundo a própria natureza dos dêiticos, segundo a interpretação de seus efeitos expressivos mais importantes e segundo a combinação e comparação de todos os elementos dêiticos apreendidos no *corpus*. Não se ateve a estudos etimológicos ou históricos dos dêiticos, como também não analisou os pronomes interrogativos, indefinidos e possessivos.

De qualquer maneira, o autor efetuou uma análise dos dêiticos, inserida e comprometida com o esquema de comunicação no qual o fator de maior importância está no aspecto da intencionalidade na comunicação e, por isso mesmo, no fator psicológico que guia não só as palavras, de modo geral, mas principalmente os elementos de mostração enquanto configuradores da situação de discurso. Vê-se, em seu trabalho, a tentativa de realizar um estudo lingüístico eminentemente preocupado com o discurso. O que distingue Watanabe de seus antecessores é o fato de que não se preocupou apenas com um estudo calcado em postulados teóricos, mas formulou-os baseados em dados concretos, obtidos por meio de uma pesquisa de campo.

10. A posição teórica de Ide

Em seus estudos (*Bunmyaku Shijigoni Taisuru Kanbun Kundokuno Eikyô*, "A Influência da Tradução de Textos Chineses Clássicos nos Mostrativos", 1955 e *Daimeishi*, "Pronomes", 1958), referentes ao estudo dos pronomes, Itaru Ide procura enfatizar o fator de relação que estes mantêm com as pessoas do discurso e, por isso, procura denunciar a falsa idéia de que constituem termos que meramente substituem o substantivo, erro, aliás, já apontado pelos estudiosos Yamada, Hashimoto, Sakuma e Tokieda. É incontestável o fato de que o pronome é um termo que, tendo como ponto de referência o remetente na mensagem, expressa um conceito de relação (**kankei gainen**) entre ele e o objeto referido. O seu caráter mostrativo advém de dois traços essenciais:

- 1) estabelece um conceito de relação subjetiva entre o remetente e o objeto referido;
- 2) estabelece um conteúdo categórico (**hanchû gainen**) de natureza objetiva que especifica a pessoa, o objeto, os fatos, o lugar ou a direção dos elementos denotados.

Esses dois traços peculiares permitem classificar os pronomes em duas categorias, cujas características comuns são os traços de mostração ou de relação:

- (A) pronomes pessoais - estabelecem unicamente a relação entre as pessoas do discurso, tendo como ponto básico de referência o remetente;
- (B) pronomes demonstrativos - estabelecem, além da relação com as pessoas do discurso, os conteúdos categóricos de natureza objetiva referentes a "coisas", "lugares", "direções", etc.

Dentre os demonstrativos, os pronomes do tipo *kono*, *sono* e *ano* ("este", "esse" e "aquele", de uso adjetivo) não exprimem a mostração de conteúdos categóricos (ou, na melhor das hipóteses, expressam-nos de maneira atenuada, pois seu traço mostrativo é fraco), mas estabelecem somente a sua relação subjetiva com o remetente. Estão, por isso, intimamente relacionados com os termos *koto*, "coisas", e *mono*, "pessoas" — categoria denominada *keishikimeishi*, ou seja, substantivos de conceito abstrato, que têm seus conteúdos definidos somente dentro do contexto.

O conceito de relação expresso pelo pronome está baseado na intencionalidade do remetente, voltada para a situação de discurso. A essa configuração da situação de enunciação efetuada pelo remetente ou pelo destinatário, o autor dá o nome de *ba* (situação subjetiva ou intencional de enunciação).

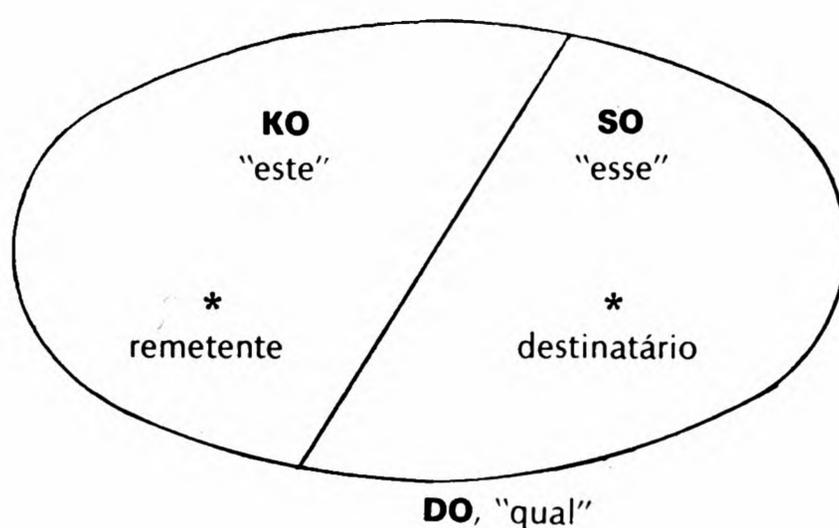
Os pronomes pessoais, cujos usos estabelecem o *ba*, "situação de enunciação", apresentam-se em quantidade numerosa e incluem, em japonês, *taigû kachi*, "noção de valor de tratamento" seja este tratamento de respeito, de modéstia, de desprezo ou de polidez. Essa classe de palavras sofreu muitas transformações ao longo do tempo, ao contrário dos demonstrativos; estes, embora em número reduzido, conservaram-se relativamente imutáveis, com suas formas fixas em **KO**, **SO**, **A**, porque os seus denotados são, em sua grande maioria, pertencentes à categoria dos objetos e não à de pessoa. O sistema de **KO - SO - A** funciona segundo *Seiryoku kennai*, o "círculo de domínio ou esfera de influência" do remetente e do destinatário.

Entretanto, a 3ª pessoa (que o autor denomina *tashô*) exprime sempre o conteúdo categórico, não especificando seu conteúdo semântico porque tem como natureza apenas sugerir (*anjisei*) o seu significado. A apreensão do seu significado depende de um pré-conhecimento do objeto referido, tanto por parte do remetente quanto do destinatário. Se o destinatário não construir um *ba*, "situação de enunciação" comum ao *ba* do remetente, a 3ª pessoa (*tashô*) perde o sentido enquanto elemento lingüístico.

Podemos dizer, pois, que o autor aponta, como características da 3ª pessoa, o caráter de dependência total da configuração de **ba**, "situação de enunciação", sem o qual não se pode estabelecer o conteúdo do seu denotado e também o caráter de entendimento tácito com relação ao objeto referido, tanto por parte do remetente quanto do destinatário.

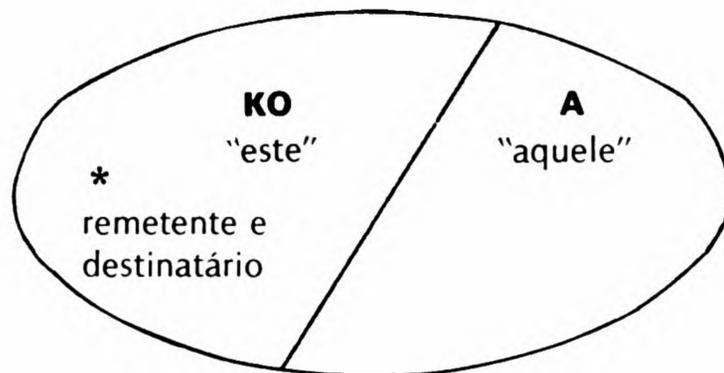
Os pronomes demonstrativos, por outro lado, são governados pela noção de distanciamento e proximidade físicos ou psicológicos que estabelecem os respectivos círculos de domínio do remetente e do destinatário. A função que cada um dos elementos do sistema de **KO - SO - A - DO** desempenha varia de acordo com a estrutura do **ba** ("situação intencional e subjetiva de enunciação") e do **bamen** ("situação objetiva e concreta do enunciado"). Enquanto o **bamen** pressupõe um número infindável de situações possíveis (por exemplo, um fato que ocorre dentro da sala de aula, no trabalho, na rua, etc.) o **ba**, ou melhor, a mostraçã na situação de enunciação prevê, a exemplo do que ocorre com o nosso campo de visão, um número restrito de ocorrências, porque estas refletem a intenção do remetente. Assim, Ide aponta duas situações básicas em que ocorrem os dêiticos.

- 1) situações em que o remetente se encontra em posição oposta ao destinatário e em que se configura um distanciamento físico ou psicológico entre ele e o objeto. Nesses casos, só pode socorrer o uso de **KO**, **SO** e **DO**, respectivamente, círculo de domínio do remetente, do destinatário e círculo de domínio indeterminado ou de desconhecimento por parte do remetente. Esquematizando, temos:



Note-se a posição de oposição entre o remetente e o destinatário. No esquema em questão, tanto o remetente quanto o destinatário ocupam cada qual sua respectiva área de domínio configurada por **KO** e **SO**.

- 2) situações em que o remetente e o destinatário ocupam a mesma posição física ou psicológica; o círculo de domínio é o mesmo para os dois. Em tais casos, só pode ocorrer o uso de **KO**, **A** e **DO**. **DO** surge como uma dúvida do próprio remetente, não como uma pergunta para o destinatário. Vejamos:



DO, "qual", "algun" (quando o destinatário da mensagem é o próprio remetente: situação de solilóquios).

Ide é um dos poucos autores que distingue clara e explicitamente a função dêitica da função anafórica dos pronomes, reconhecendo no primeiro o trabalho desempenhado pelo *ba* ("situação subjetiva ou intencional de enunciação") e no segundo, a indicação de linearidade temporal desenvolvida pelo contexto lingüístico. Nos anafóricos, o conteúdo narrativo acompanha o desenvolvimento do contexto lingüístico, sem relação com os componentes-base do discurso (remetente, destinatário e elementos espaço-temporais que configuram a situação de discurso).

O autor analisa também os pronomes que, embora anafóricos, mantêm um caráter dêitico, porque estabelecem a chamada relação remetente/destinatário. Denomina-os *bunmyaku shijigo*, "anafóricos". Estes são encontrados em grande número nas narrativas literárias e nos ensaios, em que existe, por parte do autor-remetente, uma preocupação com o leitor-destinatário da mensagem. Trata-se de um efeito estilístico, segundo o qual o autor tenta fixar-se como o remetente da mensagem, veiculando intencionalmente o conteúdo de sua obra ao leitor enquanto destinatário dela. A utilização de **KO** e **SO** estabelece, respectivamente, a posição do autor-remetente e a do leitor-destinatário. Na narrativa literária é muito raro o uso de **A**, porém, quando isso ocorre, o autor e o leitor são colocados no mesmo *ba*, e o autor considera que a experiência temporal ou espacial é a mesma entre ele e o leitor. Nesse caso, o leitor, que costuma ser uma personagem indefinida, isto é, não identificada,

passa a ser um leitor específico, definido. Com esse recurso, o autor tenta, intencionalmente, trazer o leitor para junto de si, fazendo-o adquirir um sentimento de intimidade.

Assim, conforme Ide, seria o seguinte o esquema dos pronomes e suas funções:

- 1) *shijigo*, "dêiticos";
- 2) *zettaishijigo*, "anafóricos absolutos";
- 3) *bunmyaku shijigo*, "anafóricos com função dêitica"

Para Ide, os mostrativos dêiticos apresentam as seguintes características:

- a) expressam um conceito de relação, aliado a um conteúdo categórico;
- b) configuram a indicação dos protagonistas do discurso (formam a estrutura de *ba*);
- c) são governados pela intenção do remetente, isto é, pelo traço subjetivo (*ba*).

A maioria dos anafóricos absolutos surge na classe de **SO**, mas estes não são considerados pronomes. Para Ide, pronome é a classe de palavras que exprime uma mostração dêitica, isto é, um conceito de relação das pessoas do discurso com o discurso e um conteúdo categórico de direção, de lugar, de acontecimento, etc., tendo como ponto básico de referência o remetente, que configura um *ba* ("situação de enunciação de caráter subjetivo") construído intencionalmente por ele.

Para os anafóricos absolutos, Ide aponta ainda as seguintes características:

- a) a maioria ocorre em forma de **SO**;
- b) não indicam relação com o remetente ou o destinatário;
- c) substituem de maneira completa todo o contexto lingüístico da frase anterior e não podem ser substituídos por **KO** ou **A** — função desempenhada pelos conectivos (ex.: **SOshite**, "então", **SOkode**, "nesse momento", **SONo kuse**, "não obstante", **SOrekara**, "depois", **SOretomo**, "ou", etc.);
- d) não são considerados pronomes porque não desempenham função dêitica, isto é, não contêm noção de pessoalidade.

Por outro lado, os anafóricos com função dêitica se definem por:

- a) instituírem uma mostração temporal baseada no desenvolvimento

do contexto lingüístico;

- b) instituírem uma relação autor-remetente/leitor-destinatário no texto narrativo;
- c) estabelecerem uma relação de intimidade por meio da qual o autor tenta trazer o leitor para mais perto de si.

11. A posição de Takahashi

Em seu trabalho *Bamento Ba*, "Situação de Enunciado e Situação de Enunciação", 1956, Tarô Takahashi desenvolveu o conceito de *bamen* proposto por Masaru Nagano em *Kotobano Tsukaiwakeni Kansuru Kihon Mondai*, "Questões Básicas sobre os Usos da Língua", 1949 e *Aiteto Iu Gainenni Tsuite*, "Sobre o o Conceito de Destinatário", 1952. Cabe lembrar que Nagano, por sua vez, desenvolveu o modelo proposto por Tokieda (cf. item 6), especialmente no que se refere à lacuna deixada por este quanto à não-diferenciação dos fatores subjetivo e objetivo que governam o *bamen*. Para Nagano, os elementos do discurso — o falante (*hanashite*), o ouvinte (*kikite*) e o enunciado (*sozai*) — são existências objetivas que passam pelo filtro da intencionalidade estabelecida pelo remetente (ou pelo destinatário). É preciso que o remetente e o destinatário se coloquem conscientemente como protagonistas desses respectivos papéis, isto é, com a intenção de comunicar ou de receber a mensagem comunicada. Nesse caso, o falante se torna o eu-remetente (*jibun*) e o ouvinte passa a desempenhar o papel real de tu-destinatário (*aite*). Nagano, portanto, destaca a diferença de postura que caracteriza o "falante"/"ouvinte" da situação de enunciado e o "eu-remetente"/"tu-destinatário" da situação de enunciação. Os primeiros são por ele denominados "*hanashite*"/"*kikite*" e os últimos "*jibun*"/"*aite*". Assim, a relação entre "*hanashite*" e "*kikite*" é estabelecida por um traço objetivo — o enunciado, configurando um *bamen* objetivo (situação de enunciado), enquanto a relação entre o "*jibun*" e o "*aite*" se faz de maneira subjetiva, configurando um *bamen* subjetivo (situação de enunciação). Através desses dois tipos de *bamen*, podemos explicar as conversas onde a comunicação se realiza plenamente ou as conversas em que o sentido comunicado não é compreendido em sua totalidade, isto é, onde houve ruído de comunicação. A compreensão perfeita da mensagem veiculada deve ter, como suporte, a correspondência exata entre o *bamen* subjetivo estabelecido pelo eu-remetente e o *bamen* recebido pelo tu-destinatário.

Partindo dessa distinção, Takahashi designa por *bamen*, "situação de enunciado", o que Nagano chamou de "*bamen* objetivo", e por *ba*, "situ-

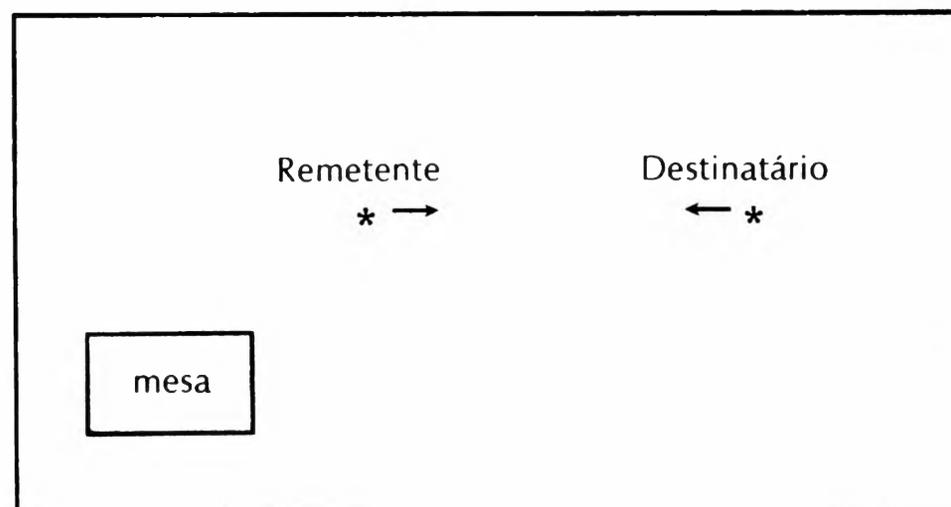
ação de enunciação”, o que Nagano chamou de “*bamen* subjetivo” Takahashi considera também que os termos *situation* e *field* (utilizados na Psicologia) podem corresponder, respectivamente, às noções de *bamen* e *ba*. Para exprimir o *sozai*, “enunciado”, proposto por Nagano, Takahashi emprega o termo *wazai*, “conteúdo da enunciação”, isto é, o assunto sobre o qual o eu-remetente e o tu-destinatário falam e que reflete uma postura de conscientização ou intenção por parte deles. Segundo essa perspectiva, continua o autor, o que pode ser incorporado ou classificado no sistema da comunicação lingüística é o *ba* e não o *bamen*, embora para se apreender o primeiro, seja forçoso ter-se como base o segundo. Todo enunciado se constrói através da inter-relação entre os elementos contidos no discurso: uma personagem que produz o enunciado, uma que o recebe e um assunto por eles tratado. Esse *wazai*, “conteúdo da enunciação”, passa pelo *bamen* e atinge o *ba*, por meio da configuração de uma relação de intencionalidade entre *jibun*, “eu-remetente” e *aite*, “tu-destinatário”. É essa relação que gera a comunicação e que possibilita a configuração do *ba*. O *ba* possui a propriedade de configurar as formas lingüísticas imbuídas de intencionalidade por meio da junção dos traços psicológico e físico que caracterizam o processo humano de pensamento por meio da linguagem. Evidentemente, para Takahashi, a existência da língua se baseia não só no fator psicológico mas no social, razão pela qual se atribui ao *ba* a função de processar a língua enquanto existência social. Assim, a existência do *bamen* é um processo que não tem relação direta com a enunciação. Entretanto, utilizar, por exemplo, as partículas de polidez *desu*, *masu* significa ampliar a área de domínio do tu-destinatário (*aite*) ou insistir na área do “eu”. O *ba*, portanto, diferentemente do *bamen*, é o processo que governa diretamente as regras formais do sistema lingüístico; é um sistema interno de regras da língua.

Para Takahashi, a pesquisa lingüística deve ir além do nível do *bamen*, embora a função deste seja importante. Não considerar o *ba* como centro das preocupações lingüísticas significa cairmos no mesmo erro da psicologia comportamental ou da lingüística descritiva para os quais o *ba* é um elemento de natureza subjetiva, algo não apreensível em termos objetivos.

Baseado no critério *ba/bamen*, o autor analisa, então, o sistema de **KO-SO-A**. Tal sistema, segundo ele, era estudado tradicionalmente apenas conforme o critério de distância/proximidade, isto é, calcado no critério de *kinshô*, “próximo”, *chûshô*, “relativamente distante” e *enshô*, “distante”. Refuta, pois, a teoria proposta por Sakuma, segundo a qual tudo que não se insere dentro da área de **KO** (isto é, do remetente) e **SO** (isto é, do destinatário) pertence à classe de **A** (outros).

Takahashi afirma que Sakuma se ateve à análise baseada somente

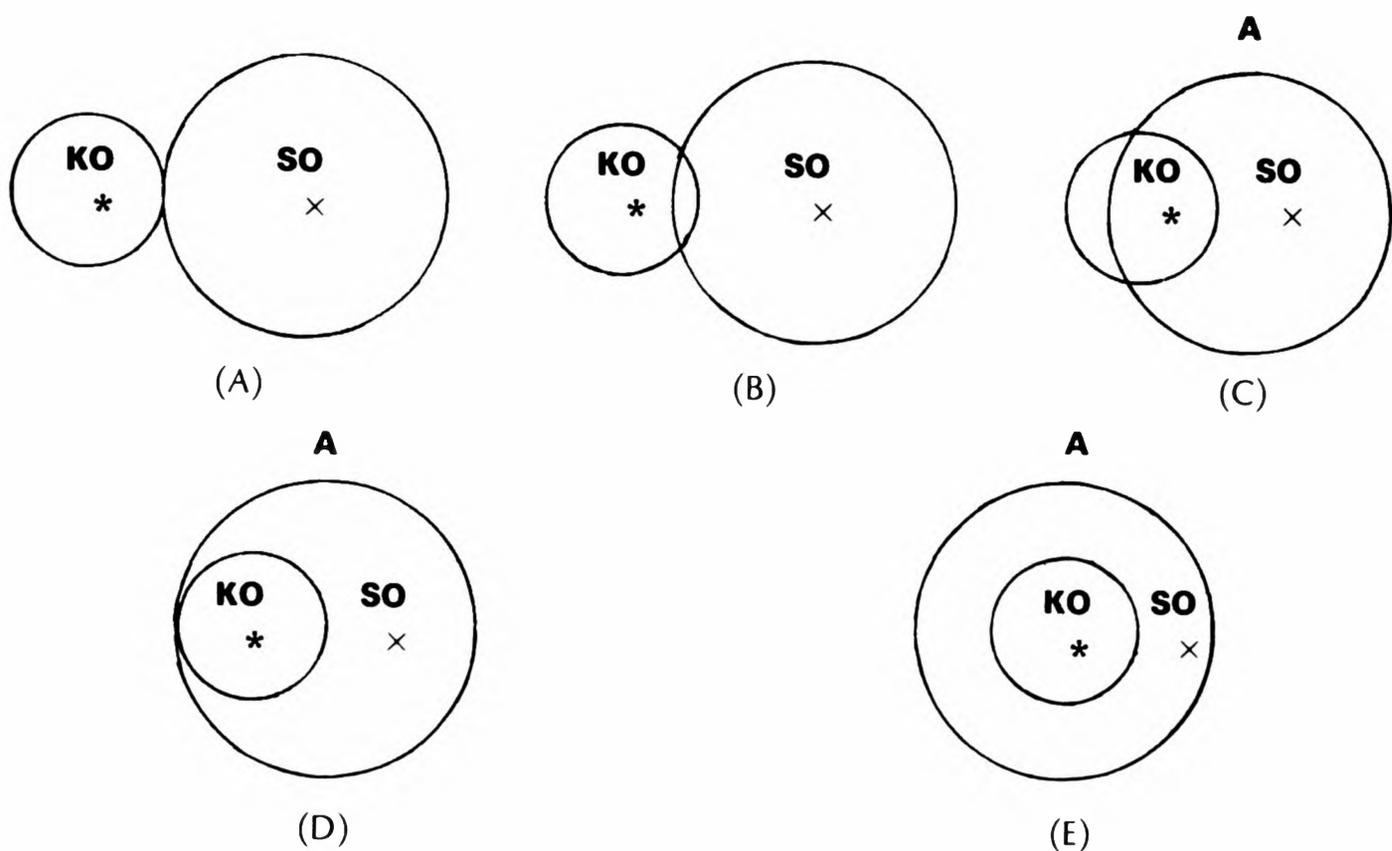
no traço de proximidade ou distanciamento contido em **KO - SO - A**, esquecendo-se do *ba* que rege suas funções. Embora tenha distinguido *hanashino ba* (*field*) e *genbano jitai* (*situation*) — respectivamente *ba* e *bamen* para Takahashi—Sakuma não previu a possibilidade de palavras pertencentes à classe de **SO** serem usadas para apontar um objeto situado atrás do remetente. Assim, numa situação em que o remetente e o destinatário se encontram dentro de uma sala, e o primeiro aponta para trás indicando uma mesa e diz **SONO** *tsukueo goran*, “Veja essa mesa”, o mostrativo **SONO**, “essa”, está indicando um objeto que se encontra mais próximo de si do que propriamente do destinatário. A indicação da “mesa”, situada atrás do remetente, por meio do mostrativo **SONO**, “esse”, não pode ser explicada pela teoria proposta por Sakuma. Vejamos o quadro abaixo:



Estando o objeto a ser apontado fisicamente mais próximo do remetente, seria natural que este o indicasse por meio do mostrativo **KONO**, “esta”. Entretanto, é possível o remetente referir-se à “mesa” por meio de **SONO**, “essa”. Sakuma afirma que os mostrativos da classe de **SO**, “esse” pertencem à área de domínio exclusivo do destinatário. Pela teoria de Sakuma, o uso de **SONO** por parte do remetente para indicar a “mesa” nessas condições, não pode ser explicado. Afirmar, portanto, que **SO** é uma categoria que estabelece o círculo de domínio do destinatário, apenas a partir do critério de proximidade e distanciamento físicos, é incorreto; também é insuficiente explicar os usos de **SO** apenas com base no *bamen* tal qual foi proposto por Sakuma.

Com o intuito de explicar esse tipo de uso, Takahashi desenvolve um modelo teórico baseado inicialmente no *bamen*, para depois chegar ao *ba*.

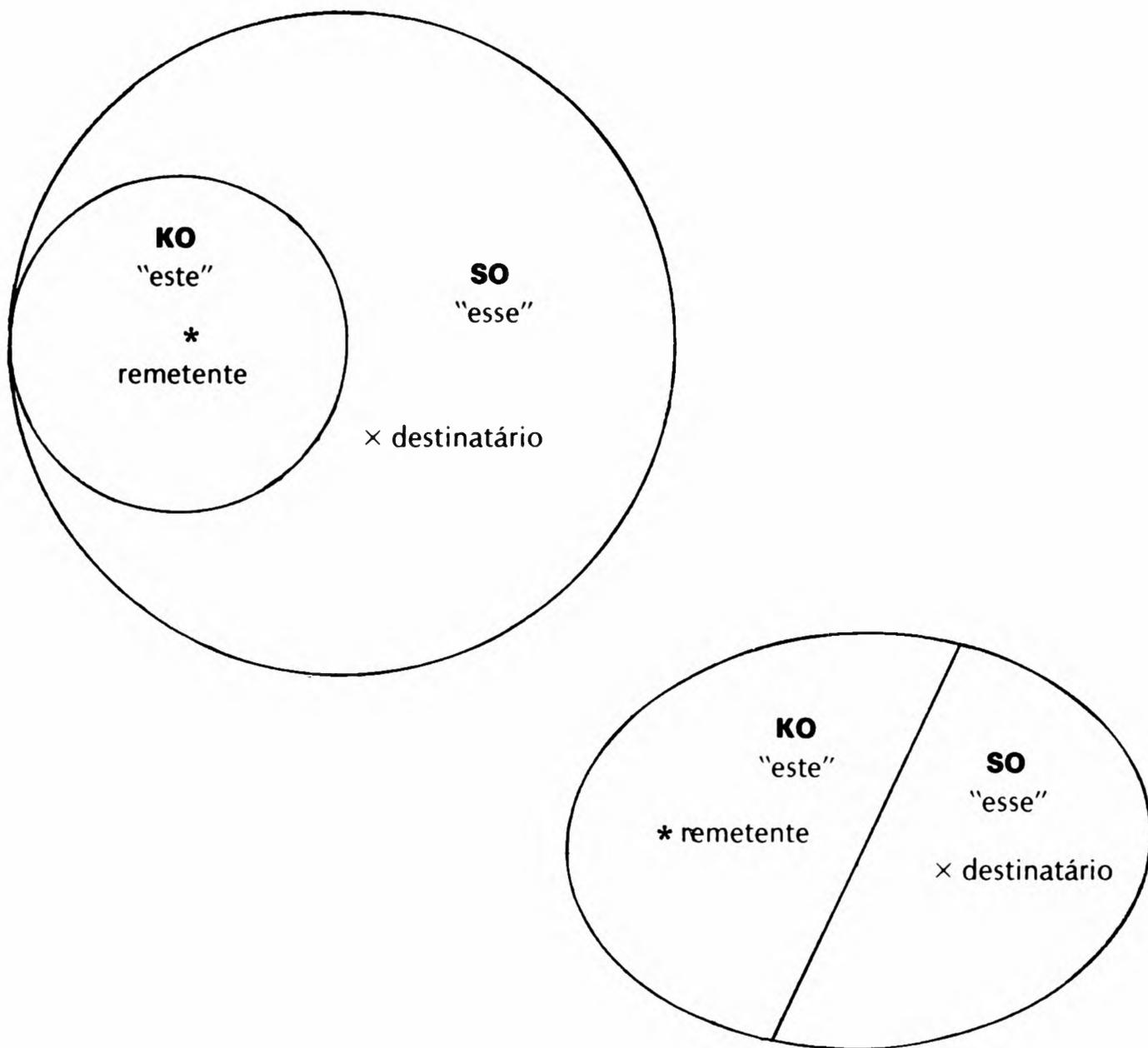
Vejamos, na página seguinte, o esquema proposto pelo autor:



Obs.: (*) Remetente
(x) - Destinatário

Segundo esse esquema, a aproximação progressiva, tanto física quanto psicológica, entre o remetente e o destinatário (cf. figura A→B) possibilita que a área de domínio do primeiro, que no início é totalmente separada do segundo (fig. A), vá se inserindo (B → C → D) na área de domínio deste, até que os dois, tanto o remetente quanto o destinatário, se encontrem num mesmo ponto, ficando assim a área do remetente totalmente envolvida pela área do destinatário (figura E). Uma vez dentro da área de domínio do destinatário, o remetente pode referir-se ao objeto "mesa" como algo inserido dentro da área do destinatário, utilizando **SONO tsukue**, "essa mesa", embora esta esteja fisicamente mais próxima do remetente do que do destinatário.

Também não é correta a afirmação de Sakuma, segundo o qual, tudo que não pertence à área de domínio de **KO** (remetente) e de **SO** (destinatário) pertence à classe de **A** (fora do eixo eu-tu). Tal afirmação deveria ser reformulada do seguinte modo: a classe de **A** só surge quando o remetente e o destinatário se encontram na mesma posição, ou melhor, dentro de uma mesma área de domínio, onde a área do destinatário recobre totalmente a área do remetente. Dessa forma, segundo uma análise baseada no *ba*, a relação entre **KO - SO - A** deve obedecer ao seguinte esquema:

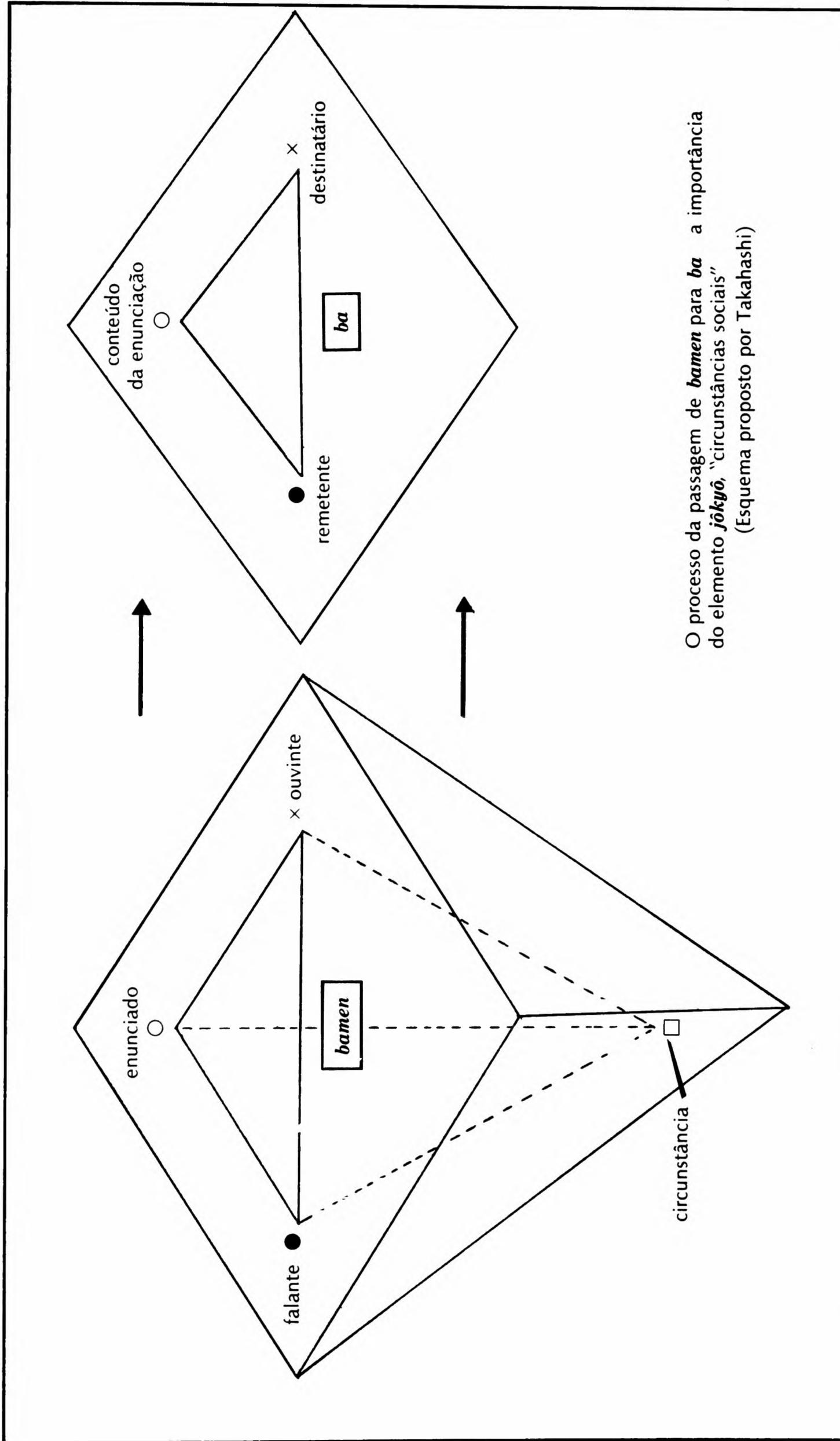


A relação se faz em dois grupos, isto é, segundo a oposição **KO** vs. **SO** e **KO** vs. **A** porque no enunciado em que surge **A**, o remetente e o destinatário devem estar ocupando a mesma posição.

O *ba* é o elemento segundo o qual o sistema lingüístico registra as relações entre pessoa/pessoa e pessoa/objeto ressaltando-lhes suas estruturas de reconhecimento (*ninshiki kôzô*). Essas relações têm se transformado social e historicamente, ao longo do tempo, governadas que são pelas transformações da estrutura social. E os pronomes e as expressões de tratamento acabariam, inevitavelmente, por sofrer essas influências.

O traço social que rege as transformações se insere no *bamen* e registra as coordenadas temporais e espaciais da situação de discurso. Este traço é chamado *jôkyô*, "circunstâncias". No esquema seguinte, Takahashi procura ilustrar a situação de *jôkyô* no processo de passagem do *bamen* para o *ba*.

O fator "circunstância" social funciona, pois, como a base social da configuração de *bamen*. Digamos que haja um remetente que, levado

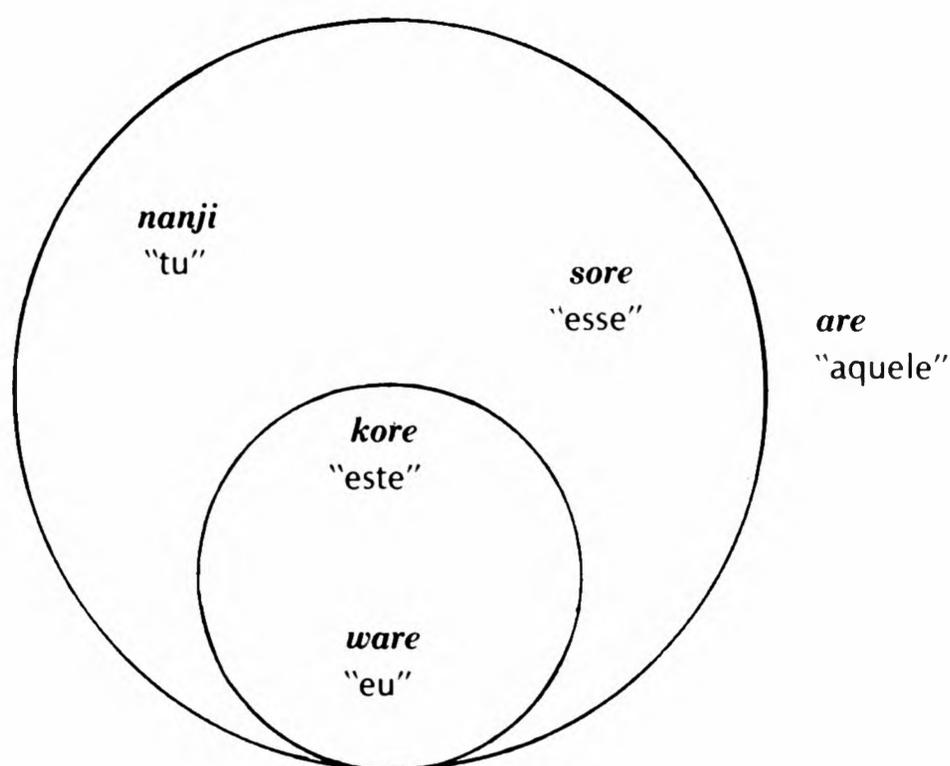


○ processo da passagem de *bamen* para *ba* a importância do elemento *jōkyō*, "circunstâncias sociais"
(Esquema proposto por Takahashi)

por fatores ditados pela circunstância social, fale um dialeto e a língua padrão. No momento de elaborar o *ba*, ele pode escolher um dos dois registros lingüísticos, conforme o relacionamento que mantém com o destinatário. O *jôkyô* é, portanto, um elemento que delimita o *ba*.

12. Noções propostas por Hattori

Partindo da teoria tradicional que analisa os mostrativos baseados em *kinshô*, *chûshô* e *enshô* e do modelo teórico proposto por Sakuma (cf. item 7), Shirô Hattori aponta os casos que não podem ser explicados por aquelas duas teorias, isto é, a teoria tradicional baseada no critério da proximidade/distanciamento e a teoria de Sakuma que se baseia na área de domínio do "eu" (*wano nawabari*) e do "tu" (*nano nawabari*). Nos casos em que o remetente e o destinatário se encontram em posições opostas e o remetente se refere a um objeto situado atrás de si, a utilização do pronome *sore*, "isso", não pode ser explicada pela noção de "área de domínio do destinatário" (*nano nawabari*) proposta por Sakuma, ou pela noção de *chûshô* (objeto próximo do destinatário). O autor propõe o seguinte esquema, segundo o qual se nota que a área da classe de palavras em **KO** se insere na área de **SO**, o que poderia explicar todos os casos:



Entretanto, sua teoria foi muito criticada porque o uso de *sore* nas circunstâncias descritas acima não é tão comum, ao contrário, seria antes um caso especial. O uso corriqueiro, nesses casos, seria o dos pronomes *kore* e *are*, os quais poderiam ser perfeitamente explicados pela teoria de Sakuma.

13. A teoria de Sakata

Para Yukiko Sakata, autora de *Shijigono KO-SO-A no Kinôni Tsuite*, "A Respeito das Funções dos Mostrativos **KO-SO-A**", 1971, os mostrativos constituem uma classe de palavras que recobrem dois tipos de funções: a função dêitica e a anafórica. Partindo do modelo teórico proposto por Sakuma, Sakata analisou as funções dos mostrativos **KO-SO-A** que não foram tratados por aquele.

O critério tradicional de proximidade e distância, dizia Sakuma, não esclarece a classe de palavras que indicam direção ("para este lado", "para aquele lado", etc.) nem as que têm função adverbial ("deste modo", "desse modo", etc.). Sakuma ressaltou, pois, a importância de considerá-los ligados com os pronomes pessoais que configuram basicamente a "área de domínio do eu" (**WA**no *nawabari*), e "área de domínio do tu" (**NA**no *nawabari*) e a "área dos outros" (**HATA**no *mono*). Entretanto, Sakuma não previu a possibilidade da combinação do uso de **SO/SO** ou de **SO/A** para perguntas e respostas. Como podemos perceber bem no exemplo abaixo, a forma **SONO** não indica apenas a área de domínio do tu, mas pode também referir-se à área de domínio "que exclui o eu e o tu":

- *Nee, ANO sêtaa, iito omowanai?*
"Viu, não acha bonito aquele suéter?"
- *Dore?*
"Qual?"
- **SONO** *hidarikara nibanmeno...*
"Esse segundo, da esquerda..."
- *Aa, AREne. Wakaokusamamukito iu tokorone.*
"Ah, aquele? É para senhoras jovens, não é?"

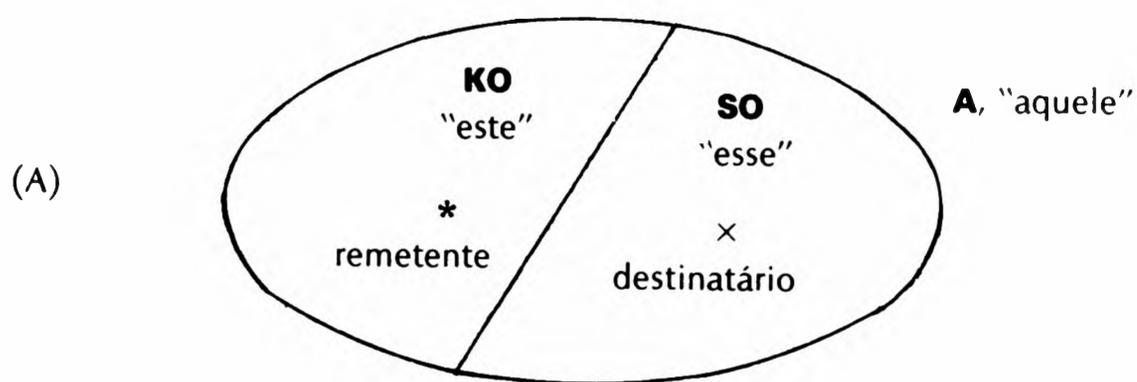
Segundo a autora, o mostrativo **SONO**, "esse" não indica, nesse caso, a área de domínio do destinatário, mas a área de domínio que não pertence nem ao remetente, nem ao destinatário; ela se refere a uma área fora do eixo eu-tu.

Com o propósito de explicar esses casos, Sakata elabora um estudo, dividindo os mostrativos de acordo com dois traços considerados essenciais:

- 1) aqueles que, tendo como ponto de referência o remetente, indicam os objetos pertencentes ao domínio (*ryôiki*) do eu ou fora desse domínio;
- 2) aqueles que, tendo como ponto de referência tanto o remetente quanto o destinatário (eu e tu = nós), indicam os objetos pertencentes ao domínio do nós ou fora desse domínio.

No caso 1, o remetente, por um lado, reconhece como pertencentes ao seu domínio aqueles elementos situados física e psicologicamente perto de si, utilizando, portanto, a classe de palavras regidas por **KO** (este); por outro, reconhece o objeto denotado como estando fora do seu domínio físico ou psicológico e utiliza a classe de **SO**, "esse" e **A**, "aquele"

No caso 2, o remetente inclui o destinatário dentro de seu domínio, fazendo configurar o domínio do nós e usa, por um lado, palavras da classe **KO**, reconhecendo que os objetos indicados por **KO** pertencem ao seu domínio, e, por outro lado, palavras da classe **SO** e **A**, reconhecendo que os objetos indicados por estas formas se encontram fora do domínio do nós. Esquematizando as idéias de Sakata temos: (O esquema é nosso.)



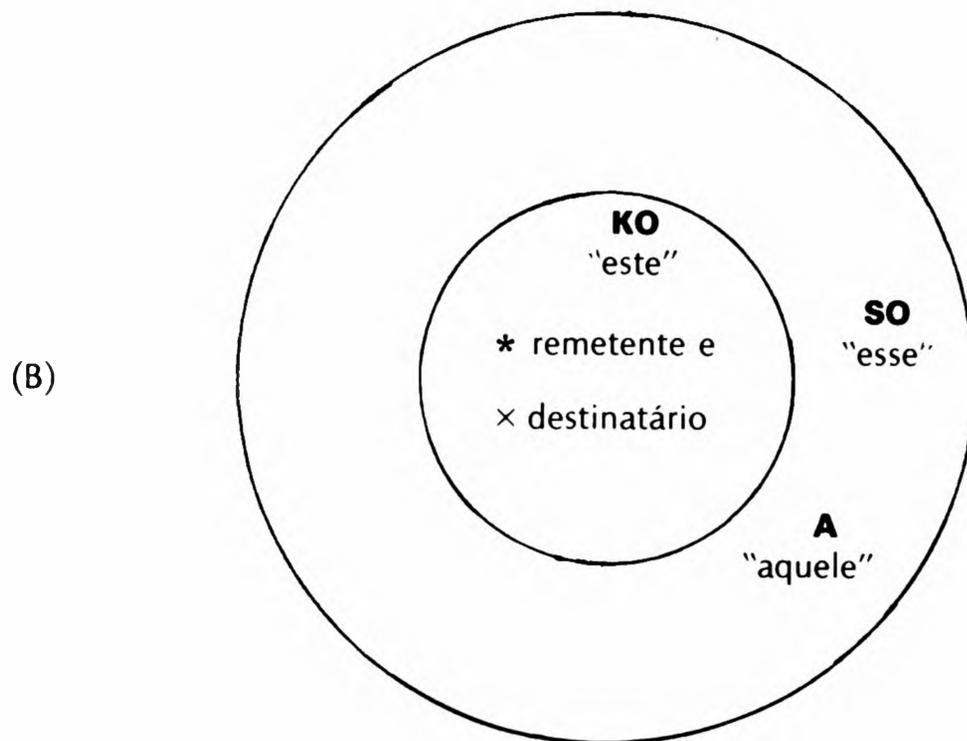
KO = domínio do remetente

versus

SO = domínio do destinatário

e

A = domínio extra-remetente e extra-destinatário



KO = domínio do <u>nós</u> : remetente e destinatário em posições de cumplicidade	} vs. {	SO e A = domínio dos elementos que extrapolam aos pertencentes a <u>nós</u>
--	---------	---

Para esclarecer melhor as características que recobrem os mostrativos, recorreremos à seguinte classificação de Sakata:

(A) domínio do eu

1. *Genbashiji*, "mostrativo dêítico" - Trata-se do mostrativo que leva em conta a posição de oposição entre o remetente e o destinatário em que cada qual possui sua respectiva área de domínio, configurada por **KO** e **SO**, respectivamente.

Numa situação em que A e B dialogam, o objeto referido por A, que lhe pertence, será apontado como **SO**, desde que esse mesmo objeto se encontre já inserido na área de B. Vejamos o diálogo:

Karewa musukono kaoo goshigoshi tede aratta.

"Ele lavou com força o rosto do filho com as mãos"

A (o filho): ...*Tchan, itaiyo.*

"Pai, está doendo..."

- B (o pai): *Naniga itaindayo.*
 "O que é que está doendo?"
- A (o filho): **SOKO** *itaindayo.*
 "Aí é que está doendo."

Shûsakuwa meno shitano kizuo, tede osaeyôtohitata.

"Shûsaku (o filho) tentou cobrir com as mãos o machucado debaixo dos olhos."

(*Ikitoshi Ikerumono*, "Os que Sabem Viver" Yûzô Yamamoto)

No exemplo, mesmo tratando-se do seu próprio rosto, o filho utiliza *soko*, "aí", porque interpreta o rosto como pertencente ao domínio do pai, pois deixara que este tratasse do seu ferimento.

II. *Bunmyakushiji*, "mostrativo anafórico"

- a) no diálogo - a personagem A interpreta como sendo de seu domínio os elementos contidos em sua fala e utiliza **KO**, "este"; B interpreta como sendo domínio de A e utiliza **SO**, "esse":

A: *Ahahaha, hontoni doshigatai. Iroiro teo kaete shinao kaete yattemirundagane. Tôto shimaini gakkôno seitonni yarashita.*

"Ah-ah-ah. Realmente é incorrigível. Tentei de tudo. No fim mandei os alunos da escola fazer."

B: **SO***itsuwa myôandesuna. Kikimega gozaimashitaka.*
 "Essa foi uma boa idéia. Houve resultado?"

A: **KORE***nyaa yatsumo daibun maittayôda. Mô tôkarazu rakujôsuruni kimatteiru.*

"Parece que com isto ele baqueou. Não demora muito e, sem dúvida, ele vai se render."

(*Wagahaiwa Nekodearu*, "Eu sou um Gato" Natsume Sôseki)

- b) na narrativa - o remetente apreende de maneira subjetiva o conteúdo daquilo que foi anteriormente dito, considera-o inserido na sua área de domínio e utiliza **KO**; se apreendê-lo de maneira objetiva, usará **SO**.

Ippankateiniwa, nyôbôo buttari kettarisurunoga ôi. So-shite, SÔ iu hitotachiwa ano uchiwa mata hajimattazeto hitobitoni warawaretemo byôtekidatowa omowarezu, nin-

gentowa **SO***nna monodato omowarete isshô owarunode-aru.*

“Nos lares comuns, há muitos casos em que (os maridos) agridem suas esposas. E, essas pessoas terminam suas vidas sem serem consideradas doentes, embora sejam reprovadas porque as pessoas dizem: começaram outra vez naquela casa.... O ser humano é assim (desse jeito)....”

- III. Quando o objeto referido não se encontra explicitamente expresso, mas existe dentro do pensamento do remetente, o aspecto subjetivo ou emotivo que envolve as lembranças ou reminiscências do passado são expressas por **A** e não por **KO**, pois se situam temporalmente distantes do momento da enunciação.

Omaetachiga tatte-itta nochi, higoto higoto zutto watashi-no muneo shimetsuketeita **ANO** *kurushimininitayôna /.../*
“Aquele sofrimento que me apertava o peito a cada dia que passava depois da partida de vocês / ... /”

(*Kaze Tachinu*, “O Vento Passou”
Tatsuo Hori)

(B) Domínio do nós

- I. *Genbashiji*, “mostrativo dêitico” - Ao considerar o destinatário situado dentro de sua área de domínio, o remetente utiliza **KO** (exemplos 1 e 2); **SO** é utilizado para indicar um elemento relativamente perto do remetente e do destinatário (exemplo 3); e **A** para objetos distantes (exemplo 4).

1 - *Anatano* **KONO** *yôfuku*
“Esta sua roupa”

2 - **KOKO***wa doko?*
“Onde é aqui?”

3 - *Sugu* **SOKO***desu.*
“É logo aí”

4 - *Hieizanga* **ANO** *yôni hakkirito*
“O monte Hiei tão nítido daquele jeito”

- II. *Bunmyakushiji*, “mostrativo anafórico” - Quando o conteúdo do discurso do remetente se torna um assunto comum entre ele e o destinatário, ambos tendem a usar **SO**. Entretanto,

quando ambos interpretam um assunto em relação ao qual sentem intimidade, utilizam **KO**. O uso de **A** ocorre quando o elemento referido se torna objeto de um conhecimento mútuo.

A: / ... / *dakara otôsamao settokusuru yôna hitowa imasen-ka.*

"... por isso, não há alguém que possa persuadir seu pai?"

B: *Saa, nanishiro, chichiwa AA iu kishitsu desukara.*

"Não sei não. O senhor sabe, papai tem aquele temperamento!"

A: *Shikashi, ... dareka arimasenka. KORE hôtchatte okanai hôga iidesuyo.*

"Mas, ... por isso mesmo, não há ninguém? É melhor não se descuidar disto (é melhor não negligenciar isto)"

A análise feita por Sakata é minuciosa mas não deixa muito clara a diferença entre a função dêitica e a anafórica. Não nos pareceu imprescindível dividir os mostrativos em classes tão particulares. O critério de posicionamento físico e psicológico imprimido pelo remetente no ato de comunicação, tal como foi proposto por Watanabe, parece-nos resolver bem o problema. Sakata chega muitas vezes a misturar vários critérios: ora analisa o mostrativo baseado no critério de proximidade/distanciamento físico, ora no critério de proximidade/distanciamento psicológico. O exemplo do "suéter" parece evidenciar essa confusão:

A: Você não acha bonito aquele suéter?

B: Qual?

A: Esse segundo, da esquerda.

B: Ah, aquele?

Segundo Sakata, o fato de A usar ora o mostrativo "aquele" (**ANO sêtaa**) ora "essa" (**SONO**) para indicar um mesmo suéter, se deve à mudança de posição (lugar) de B. Quando A disse aquele suéter, B estava atrás de A; quando A disse esse segundo, da esquerda, B se deslocou para o lado de A.

A explicação de Sakata, baseada apenas no fator "posição espacial ocupada pelos interlocutores" do diálogo descrito anteriormente não nos pareceu coerente. Mesmo que B continuasse atrás de A, esta poderia utilizar **SO**. O que ocorre, parece-nos, é que, no momento em que A utiliza aquele, considerava o suéter como um objeto longe de ambos e,

mais do que isso, um objeto também percebido ou conhecido por B. Entretanto, percebendo que seu interlocutor não havia entendido ou não havia reconhecido o suéter referido, A se refere ao suéter por meio do pronome esse, lançando-o dentro da área de domínio do destinatário (B). Em outras palavras, quando disse aquele, o remetente (A) achou que seu interlocutor (B) se encontrasse na mesma área de domínio. Percebendo que esta não era a realidade dos fatos, jogou o suéter para dentro da área de domínio do destinatário (B), o qual, conscientizando-se do suéter referido por A, passou a dizer *Are*, "aquele"

14. Conceitos propostos por Okamura

Para Kazue Okamura, autora de *Daimeishitowa Nanika*, "O que é o Pronome", 1972, as palavras denominadas *daimeishi*, "pronome", diferem radicalmente de todas as outras classes de palavras. Definir o pronome como "palavra utilizada no lugar do nome" não recobre todas as suas características e funções. Essa classe merece um estudo especial, tal como ocorre com as expressões de tratamento.

Para esclarecer adequadamente as funções e o sentido dos chamados, tradicionalmente, "pronomes", a autora analisa suas características semânticas, seu caráter mostrativo, o contexto de situação em que ocorrem, o problema da pessoalidade e os mostrativos de "conceito especial" (assim por ela designados), chegando à conclusão de que tais palavras, por ela denominadas *shijigo* ou *shôkakushiji*, isto é, "palavras mostrativas", constituem termos que transcendem à própria taxionomia.

Ainda segundo a autora, o caráter semântico dos mostrativos está no fato de, por um lado, expressarem o conceito de relação entre o remetente e o discurso e, por outro, indicarem a categorização dos objetos referidos pelo remetente (indicação de que o mostrativo estabelece as várias categorias: pessoa, objeto, lugar, direção, estado, etc.). Os mostrativos contêm, portanto, o conceito de relação aliado ao de categorização. Funcionam segundo uma sistematização lógica correspondente à estruturação de consciência da "situação de discurso" *ba* configurada pelo remetente. Okamura destaca, nas várias situações de discurso, as funções desempenhadas pelas 1ª, 2ª e 3ª pessoas.

Cita ainda Tokieda (cf. item 6) para quem a função básica do pronome *kono-sono-ano* ("este", "esse", "aquele" — uso adjetivo) é a de estabelecer somente o conceito de relação, excluindo-se a indicação de categoria do objeto referido. Por outro lado, Tokieda também considera a função de mostração somente nos elementos **KO-SO-A**, de tal forma

que *kore*, *sore* e *are* são formados por **KO** + **re**, onde o primeiro elemento indica a relação de mostraçãõ do remetente com o discurso, e o segundo o conteúdo categórico do próprio objeto. Dizer que *kore* inclui o próprio objeto referido (referente), ou a coisa em si, significa, segundo Okamura, atribuir ao pronome a mesma função do nome (substantivo). Para Okamura, a divisão do pronome em duas partes só é válido para os pronomes demonstrativos e não para os pessoais, pois estes não podem ser divididos, por exemplo, em **WA** + *takushi* (*watakushi* = eu). A palavra *watakushi*, na sua forma integral, é que expressa o conteúdo de relação e a categoria de "pessoalidade"; ela é uma forma sintética (indivisível), não analítica.

A exemplo do que fez Itaru Ide (cf. item 10), a autora atribui ao pronome a função de instituir um conceito de relações e um conteúdo categórico. O pronome, prossegue ela, tem sempre como ponto de referência o remetente: o eu-remetente é a base do discurso, o que implica o seu caráter subjetivo. A teoria desenvolvida por Tokieda⁽¹¹⁾ (a de que todas as palavras apontam e "mostram"), segundo a autora, não é suficiente para explicar o conceito concreto (objetivo) e abstrato (subjetivo) engendrados pelo remetente no seu relacionamento com o discurso. Na verdade, a língua exerce sua função de mostraçãõ de duas maneiras concomitantes (e não só pelo processo subjetivo):

- 1) por meio de uma mostraçãõ objetiva, sem a interferência do remetente: conceitualizaçãõ da substância e dos atributos do objeto denotado de maneira direta, sem a mediaçãõ do remetente (*nazuke*);
- 2) por meio de uma mostraçãõ subjetiva, segundo a qual o remetente indica intencionalmente o objeto denotado (*shiji*).

É a essa segunda função que a autora chama de *shiji* (mostrativo com função dêitica e anafórica). Em contraposição a essa função, destaca *dai ji*, isto é, o mostrativo anafórico cuja função é a de substituir ou de indicar um objeto já referido no contexto, sem passar pela mediaçãõ do remetente.

Ao relacionamento entre remetente e discurso corresponde, nada mais nada menos, a elaboraçãõ do sistema dos mostrativos. Nesse sentido, a situaçãõ de enunciaçãõ ou de mostraçãõ (*shiji no ba*) constitui um "filtro" segundo o qual o remetente apreende um dado da natureza. Pa-

(11) Tokieda divide as palavras em duas classes distintas e excludentes: palavras que exprimem um conteúdo psíquico por meio de um processo objetivo de conceitualizaçãõ (*shi*) e palavras que exprimem um conteúdo psíquico, diretamente, sem passar por esse processo de conceitualizaçãõ (*ji*).

ra que o remetente possa instituir a situação de enunciação é preciso que ele passe pela condição básica de converter a língua em discurso, isto é, a necessidade de se instituir um sujeito que age, uma ação e um beneficiário dessa ação (cf. noções de *bamen* e *ba* propostas por Takahashi, no item 12).

Assim, a função do pronome, segundo Okamura, é a de configurar, de um lado, a situação de enunciação e, de outro, distingui-la das demais situações.

Na língua japonesa, o traço subjetivo que caracteriza os pronomes gera os mostrativos que comportam noção valorativa de tratamento (polidez, respeito, modéstia, etc.). O eu-tu constitui a relação humana mais básica, razão pela qual o pronome se entrelaça com as noções de sentimento de gostar/não-gostar, depreciação/enaltecimento, intimidade/distanciamento. Por esta razão, o japonês apresenta várias formas de pronomes segundo o grau de respeito, modéstia ou desprezo, principalmente de 1ª e 2ª pessoas. Enquanto os pronomes de 1ª e 2ª pessoas apresentam-se indivisíveis, como palavras plenas, a 3ª pessoa é, a rigor, composta de dois elementos: o mostrativo **KO**, **SO** ou **A** + *hito*, *kata* (pessoa). Assim, a língua moderna oferece-nos apenas os pronomes *kare* (ele) e *kanojo* (ela) para a 3ª pessoa, enquanto a língua clássica possuía apenas a 1ª e a 2ª pessoa; a chamada 3ª pessoa era inserida na área de domínio do remetente ou do destinatário, através do sistema **KO - SO - A**:

kono hito, "esta pessoa";

sono kata, "essa pessoa" (com noção de respeito);

aitsu, "ele" (com noção de desprezo).

Todo pronome de 3ª pessoa era vinculado à noção de *enkinkankei* isto é, à noção de proximidade e distanciamento contida em **KO - SO - A**. Não havia um pronome de 3ª pessoa cuja noção estivesse, como no pronome "ele" das línguas européias, totalmente desvinculado dessa noção de distanciamento. Surgiu, pois, a necessidade de recriar o termo *kare*, que significava "distanciamento", agora sem noção de "distância". Em outras palavras, a necessidade de traduzir línguas européias fez o japonês criar pronomes de 3ª pessoa na língua moderna: primeiro *kare*, "ele", e depois *kanojo*, "ela" (este último de *kano onna* - "aquela mulher", pronome que indicava "distanciamento" - *enshō*).

A existência de *kare* e *kanojo* (3ª pessoa) não é reconhecida por Yamada, Hashimoto e Tokieda, tendo sido só mais recentemente aceita por Matsushita e Sakuma.

Resumindo, diremos que a autora destaca, como função dos mostrativos, a propriedade de estabelecer o conceito de relação entre o reme-

tente e o objeto por ele referido, entre este e o discurso e o conteúdo categórico desse objeto. O mostrativo, portanto, realiza-se na situação de enunciação. Ele constitui uma classe especial de palavras, distinta das demais classes. Os pronomes apreendem e indicam os objetos através do "filtro" da mostraçã, ou melhor, perpassado pela relação entre o remetente e o discurso, enquanto as demais classes de palavras conceptualizam diretamente o objeto, sem passar pelo filtro das pessoas do discurso.

Okamura tenta provar que os mostrativos constituem uma classe de palavras que transcende à tradicional classificação das palavras (taxionomia). Por sua função básica de mostraçã, os chamados "pronomes pessoais", devem, segundo a autora, ser denominados *ninshô shiji*, "mostrativos pessoais", e os chamados "pronomes demonstrativos" de *shozoku shiji*, "mostrativos vinculados"

15. A teoria de Horiguchi

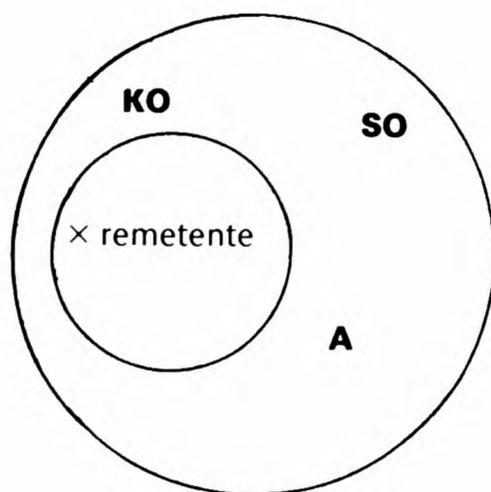
Em seu trabalho *Shijino Hyôgensei*, "A Expressividade dos Mostrativos", 1978, Kazuyoshi Horiguchi apresenta e procura esclarecer as seguintes questões a respeito da expressividade dos mostrativos:

- 1) Será correto dividir os mostrativos somente em dêiticos e anafóricos?
- 2) Será correto atribuir às palavras pertencentes o grupo de **SO**, "esse", a função de determinar a área de domínio do destinatário? Será correto afirmar que **SO** apresenta uma incidência grande, enquanto uso anafórico, porque se refere a um objeto inserido dentro da área de domínio do destinatário?
- 3) Será correto considerar as palavras pertencentes ao grupo de **A**, "aquele", como indicadoras do domínio tanto do remetente quanto do destinatário?
- 4) Será correto considerar-se a impossibilidade de inter-relacionamento dos três elementos **KO-SO-A**, admitindo somente a oposição **KO**, "este", vs. **SO**, "esse", e **KO**, "este", vs. **A**, "aquele"

Para responder a tais indagações, o autor sentiu necessidade de dividir as palavras pertencentes à categoria dos mostrativos em quatro classes:

- a) genbashiji, "mostrativos dêiticos";
- b) bunmyaku shiji, "mostrativos anafóricos";
- c) chikaku taishô shiji, "mostrativos perceptivos",
kannen taishô shiji, "mostrativos de introspecção";
- d) zettai shiji, "mostrativos absolutos"

Como característica essencial do mostrativo dêitico, o autor aponta o traço de "substituir o gesto, a mímica facial", etc. Na produção do dêitico, a presença da figura do remetente e do destinatário é fundamental. Entretanto, ele não concorda com a posição de Sakuma (cf. item 7) que define os dêiticos da classe de palavras construídas com **SO**, "esse", como aqueles que indicam a área de domínio de alcance do interlocutor (*hanashiaiteno teno todoku tokoro*). Chegando à mesma posição defendida por Takahashi (cf. item 12), Horiguchi diz ser mais correto considerar a área de **SO**, "esse", como aquela que deixa de pertencer ao remetente, isto é, uma área extra-remetente. Tendo sempre como ponto de referência central o remetente, o autor propõe o esquema ilustrado a seguir:



Horiguchi refuta a posição de Takahashi que enfoca, na análise de **KO** e **SO**, o estabelecimento do ponto de referência, respectivamente, no remetente e no destinatário. Para Horiguchi, o ponto de referência está somente no remetente; **SO** e **A** indicam uma área de domínio que não pertence ao remetente (área extra-remetente).

Ainda segundo Horiguchi, a noção de "área de domínio" é gerada pela subjetividade ou grau de envolvimento do remetente com o objeto referido. A exemplo do que faz Watanabe (conferir item 9), o autor é incisivo ao atribuir aos mostrativos o caráter subjetivo imprimido pelo remetente.

As combinações dêiticas mais usadas são as do tipo **KO**, "este" vs. **SO**, "esse". O grau de envolvimento que cada um desses elementos expressa depende, pois, do remetente. Vejamos os seguintes exemplos:

- A) **KONO** *ewa pikasodane*.
"Este quadro é um Picasso, não é?"
- B) *Un*, **KORE** *ewa pikasodayo*.
"Sim, este é um Picasso"

Nesse diálogo, vemos que ambos - tanto A quanto B - expressam, através da utilização do elemento **KO**, seu forte envolvimento com o quadro referido. Por outro lado, no exemplo que segue:

- A) **SONO** *ewa pikasodane*.
"Esse quadro é um Picasso, não é?"
- B) *Un*, **SORE** *ewa pikasodayo*.
"Sim, esse é um Picasso."

detectamos a idéia de que ambos (A e B) se encontram menos envolvidos com o objeto referido do que no caso anterior, onde se vê o uso de **KO**.

Podemos, pois, inferir que a escolha de **KO** e **SO** depende do grau de envolvimento sentido e conscientizado pelo remetente.

Okamura (cf. item 15) dizia que **KO** e **A** não ocorrem em um mesmo conjunto de pergunta e resposta, o que não é correto segundo Horiguchi. Evidentemente, no diálogo, o conjunto mais comum é **A** vs. **A** para pergunta e resposta. Entretanto, é possível ocorrer **A** vs. **SO** ou **SO** vs. **A**. Ele exemplifica:

- 1) A: **ANO** *hanawa sakuradane*.
"Aquela é a flor de cerejeira, não é?"
- B: *Iya*, **ARE** *wa momodayo*.
"Não, aquela é de pessegueiro."
- 2) A: **ANO** *hanawa sakuradane*.
"Aquela flor é de cerejeira, não é?"
- B: *Iya*, **KORE** *wa momodayo*.
"Não, esta é de pessegueiro."

O uso de **ARE** indica que B reconhece o envolvimento de A com o objeto denotado; o uso de **KORE** indica que B reconhece o não-envolvimento de A com o objeto denotado.

Como vemos, as áreas de domínio imprimidas por **KO-SO-A** obedecem essencialmente ao grau de envolvimento subjetivo do remetente

com o objeto por ele apontado. Não há, portanto, uma sistematização rígida que obrigue ao uso de um ou de outro. Mas é preciso certo cuidado porque o uso da combinação do tipo **ARE**, “aquele”, vs. **KORE** “este”, pode suscitar situações constrangedoras que podem vir a ferir as regras de sociabilidade. Uma vez que o remetente se refere a um objeto situando-o distante e fora de sua área de domínio, a colocação do referido objeto, por parte do destinatário, dentro de sua área de domínio provoca uma situação considerada desrespeitosa para com o remetente, ou vice-versa.

De qualquer maneira, não se trata de regras estabelecidas pela língua que regulamentam o uso dos mostrativos, diz o autor, mas antes uma questão de técnica de relacionamento (*shakôno jutsu*).

Horiguchi analisa também os mostrativos dêiticos utilizados em outros meios de comunicação: conversas telefônicas (onde é difícil configurar-se o uso de **A**), cartas (nas quais predomina o uso de **SO**), transmissão radiofônica ou televisiva (em que se utiliza **KO**) e na narrativa (com a predominância de **KO**).

Os mostrativos anafóricos têm duas funções:

- (a) a de ter como traço a mostraçãõ do conteúdo expresso anteriormente pelo destinatário, que agora passou a ser remetente;
- (b) a de ter como traço a mostraçãõ do conteúdo expresso anteriormente pelo remetente, que agora passou a ser o destinatário.

Em ambos os casos, a mostraçãõ se refere a um objeto já mencionado anteriormente. No caso (a), isto é, quando há referência a um objeto anteriormente mencionado pelo destinatário, surge o uso de **KO-SO-A**.

A distinçãõ se faz de acordo com o grau de envolvimento do remetente com o objeto denotado. No caso (b), isto é, quando o remetente faz referência a um objeto enunciado por ele próprio, surgem dois casos:

- 1) o mostrativo anafórico retoma exatamente o mesmo elemento citado anteriormente. Por exemplo:

*Tarôno sakuhin'ô Jirôno **SORE** (sakuhin)-to kuraberu.*
“Comparar a obra de Tarô com essa (obra) de Jirô”

O mesmo não pode ocorrer com **KO** e **A**.

- 2) o mostrativo anafórico se refere a um fato ainda não concluído. Nesse caso, só pode ocorrer o uso de **SO**; **A** e **KO** não cabem nessa situação.

*Sugu amega agarukara **SORE**o matte inasai.*

“Vai parar de chover logo. Portanto, espere por isso.”

Horiguchi não explica o porquê da impossibilidade de ocorrer **KO** e **A** nesses casos.

Na análise da natureza dos mostrativos, Horiguchi viu a necessidade de diferenciar ainda duas categorias, cujo funcionamento difere das duas anteriores: são os que denominou de *chikaku shiji*, “mostrativos perceptivos”, e *kannen shiji*, “mostrativos de introspecção”. Os primeiros têm a propriedade de apontar para os objetos perceptíveis pelos sentidos; tomam como objeto um elemento presente à situação de enunciação ou um objeto cujo conteúdo semântico é previamente conhecido tanto pelo remetente quanto pelo destinatário. Já os “mostrativos de introspecção”, *kannen shiji*, têm como função apontar um objeto presente na imaginação do remetente e que este interpreta como assunto conhecido pelo destinatário. São, por isso, muito utilizados nos monólogos, nos solilóquios e nas narrativas (em verso e prosa) onde não há exigência de um destinatário específico.

Para ilustrar melhor, citaremos os exemplos levantados pelo autor:

1) mostrativo perceptivo

*Ano toki kite itanowa tashika **SONO** fukudattana.*

“O que você vestia naquela ocasião era provavelmente essa roupa, não é?”

No exemplo acima, o mostrativo **SONO** se refere a um objeto presente na situação de enunciação e, portanto, perceptível aos olhos do remetente.

2) mostrativo de introspecção

***ARE**o motte kite kure.*

“Traga-me aquilo, por favor”

O mostrativo **ARE** indica um fato distante, presente na memória do remetente, e que ele interpreta como elemento conhecido também pelo destinatário (o remetente parte do pressuposto de que o destinatário tem conhecimento do elemento referido).

A função desempenhada por esses dois tipos de mostrativos difere dos demais, exatamente porque tem como característica o fato de não levar em conta um destinatário específico ou de considerá-lo como inserido dentro de sua área de domínio.

Enquanto o mostrativo dêitico aponta para o objeto, levando em

conta a intenção de comunicar a mensagem ao destinatário (substituindo o gesto ou a mímica que são elementos extra-lingüísticos), o “mostrativo perceptível” aponta uma realidade perceptível, sem levar em conta o destinatário. Nesse sentido, a utilização de **KO** e **A** é muito comum nesse tipo de mostraçãõ; **SO** ocorre raramente. Ao contrário, **SO**, enquanto elemento que reflete a noção de *enryo*, “fazer cerimônia”, é o mais utilizado na mostraçãõ dêitica, porque esta tem como meta a sintonia com o destinatário. A título de ilustraçãõ, Horiguchi evoca Sakuma, segundo o qual, a criança de pouca idade se até ao uso de **KO** e **A**, pois ainda não desenvolveu a noção de sociabilidade, que leva o remetente a preocupar-se constantemente com o destinatário. A criança só leva em conta a distinçãõ entre o fator proximidade/distância, que é mais facilmente percebido por ela.

Os “mostrativos de introspecçãõ” costumam aparecer sob forma de **A**. Não ocorrem somente nos diálogos, mas também nas várias situações de discurso:

- A) *Kimi, ANO kenwa katazuitaka.*
“Você aí, aquele assunto já foi resolvido?”
- B) *Hai, katazukimashita.*
“Sim, foi resolvido.”

Nesse caso, **ANO** indica um fato distante mas conhecido por ambos.

Horiguchi prossegue, destacando ainda mais uma categoria de mostrativo, que denomina *zettai shiji*, “mostrativos absolutos” Estes se relacionam com as noções de tempo e espaço, referindo-se exclusivamente ao tipo ou lugar específico onde o remetente se insere.

Os pontos mais relevantes levantados por Horiguchi são:

- a) a necessidade de reformular a afirmação de que o elemento **SO** indica a área de domínio do destinatário. **SO** deve indicar uma área de domínio que não pertence ao remetente;
- b) a idéia de que os mostrativos, além da noção de distância física, indica o envolvimento psicológico ou afetivo do remetente com relação ao objeto denotado;
- c) a distinçãõ entre dêiticos, anafóricos, mostrativos perceptivos e mostrativos de introspecçãõ;
- d) os elementos **KO-SO-A** não se referem apenas à noção de proximidade e distanciamento físico, mas encontram-se profundamente ligados com a noção de envolvimento ou não-envolvimento do remetente com o objeto referido;

- e) o elemento **SO** estabelece unicamente uma relação atenuada de envolvimento do remetente com o objeto referido. Ele difere do elemento **A** que, ao contrário, exprime forte relação de envolvimento do remetente com o objeto, pois, enfatiza sobremaneira a noção de distância experimentada por este remetente.

NOTAS:

- (I) Refiro-me ao artigo intitulado "DÊIXIS E ANÁFORA NA LÍNGUA JAPONESA Um Estudo Gramatical e Lingüístico dos Mostrativos", publicado na Rev. *Estudos Japoneses*, vol. VI, pelo Centro de Estudos da USP, em 1986 pp. 37-77.
- (II) idem, ibidem.
- (III) A discussão de problemas que, de uma ou outra forma, ainda não foram resolvidos pelos autores estudados, bem como a proposta de um novo modelo teórico do funcionamento dos mostrativos, por nós elaborado, encontra-se no artigo citado na nota (I).
- (IV) idem à nota (I).

BIBLIOGRAFIA

- HASHIMOTO, Shinkichi. *Daimeishi*, "Pronome" In: *Shinbunten Bekki - Kôgohô*, "Anotações sobre Gramática — Língua Falada" Tóquio, Fuzanbô, 1938. pp. 46-51.
- HASHIMOTO, Shinkichi. *Kokubunpô Taikeiron*, "Teoria da Sistematização da Gramática Japonesa" Tóquio, Iwanami, 1967.
- HATTORI, Shirô. *KORE, SORE, AREto This, That*, "Isto, Isso, Aquilo e This, That" In: *Eigo Kisogoino Kenkyû*, "Estudos sobre o Vocabulário do Inglês". Tóquio, Sanseidô, 1968. pp. 71-89.
- HORIGUCHI, Kazuyoshi. *Shijigo KO-SO-A Kô*, "Reflexões sobre os Mostrativos KO-SO-A". In: *Ronshû Nihon Bungaku - Nihongo*, "Col. Literatura Japonesa Língua Japonesa", nº 5. Tóquio, Kadokawa, 1978.
- HORIGUCHI, Kazuyoshi. *Shijino Hyôgensei*, "A Expressividade dos Mostrativos". In: *Nihongo Nihon Bunka*, "Língua Japonesa, Cultura Japonesa", nº 8. Osaka, Ôsaka Gaikokugo Daigaku Kenkyû Ryûgakusei Bekka, 1978. pp. 23-44.
- HINDS, John. "Interjective demonstratives in Japanese" In: *Descriptive and Applied Linguistics*, vol. 8. Tóquio, Seishin Joshidaigaku, 1975.
- IDE, Itaru. *Bunmyaku Shijigoto Bunshô*, "Os Mostrativos Anafóricos e o Texto" In: *Kokugo Kokubun*, "Língua e Literatura Japonesa", nº 21, vol. 8. Quioto, Chûô Tosho, 1952. pp. 1-22.
- IDE, Itaru. *Bunmyaku Shijigoni Taisuru Kanbun Kundokuno Eikyô*, "As Influências da Leitura Japonesa dos Textos de Estrutura Chinesa nos Mostrativos Anafóricos" In: *Kokugaku*, "Teoria da Língua Japonesa" Tóquio, Kokugo Gakkai, 1955. pp. 71-78.

- IDE, Itaru. *Daimeishi*, "Pronome" In: *Zoku Nihon Bunpô Kôza 1 - Bunpô Kakuron'hen*, "Série Gramática Japonesa 1 Das várias Teorias Gramaticais" Tóquio, Meijishoin, 1957. pp. 111-130.
- IDE, Itaru. *Daimeishi*, "Pronome" In: *Zoku Nihon Bunpô Kôza 1 - Sôron*, "Série Gramática Japonesa 1 Introdução" Tóquio, Meijishoin, 1958.
- IKEGAMI, Akihiko. *Daimeishitowa Nanika*, "O que é o Pronome?" In: *Kôza Nihongo Bunpô 3 - Hinshi Kakuron*, "Série Gramática Japonesa 3 Das Várias Teorias sobre a Taxionomia". Tóquio, Meijishoin, 1967 pp. 21-36.
- IMAI, Shirô. *Shijidaimeishino Shiji Kinôni Tsuite*, "Sobre a Função Mostrativa dos Pronomes Demonstrativos" In: *Hokkaidô Daigaku Jinmongaku Ronshû*, "Coletânea de Estudos das Ciências Humanas da Universidade de Hokkaido" Hokkaidô, Hokkaidô Daigaku, 1978.
- KUNO, Susumu. *Bunmyakuno Bunseki - KO-SO-A*, "Análise do Contexto". In: *Nihon Bunpô Kenkyû*, "Estudos sobre a Gramática Japonesa" Tóquio, Taishûkan, 1973.
- KUNO, Susumu. *Danwano Bunpô*, "Gramática do Discurso". Tóquio, Taishûkan, 1978.
- MATSUSHITA, Daizaburô. *Hyôjun Nihon Kôgohô*, "Gramática da Língua Japonesa Falada Padrão" Tóquio, Hakuteisha, 1961.
- MIKAMI, Akira. *Daimeishito Shôzenshi · Shijino Hataraki*, "O Pronome e a Anáfora - a Função dos Mostrativos" In: *Gendai Gohô Shinsetsu*, "Nova Teoria da Gramática Contemporânea" Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1972. pp. 170-189.
- MIYAJI, Yutaka. *YARU, KURERU, MORAUo Jutsugoto Suru Bunno Kôzôni Tsuite*, "Sobre a Estrutura Sintática de YARU, KURERU, MORAU enquanto Predicados". In: *Kokugogaku* "Teoria da Língua Japonesa", nº 63. Tóquio, Kokugo Gakkai, dez. 1965. pp. 21-33.
- MIYAJI, Yutaka. *Shinpan Bunron*, "Gramática Japonesa Nova Edição". Tóquio, Meijishoin, 1979.
- MORI, Shirô. *Shiji Rentaishi KONO-SONOo Hatarakito Zengokankei*, "A Função do Mostrativo de Função Adjetiva Este, Esse e suas Relações". In: *Denshi Keisankini Yoru Kokugo Kenkyû*, "Pesquisa Computacional da Língua Japonesa", nº IV. Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo, 1972. pp. 110-131.
- MORITA, Satayuki. *Shijigono Shidô*, "Orientações sobre as Palavras Mostrativas" In: *Kôza Nihongo Bunpô*, "Série Gramática Japonesa", nº 4. Tóquio, Meijishoin, 1967. pp. 52-68.
- NAGANO, Masaru. *Kotobano Tsukciwakeni Kansuru Kihon Mondai*, "Questões Básicas sobre os Usos da Língua" *Kokugoto Kokubungaku*, "Língua e Literatura Japonesa", vol. 26. Tóquio, Shibundô, março de 1949. pp. 53-60.
- NAGANO, Masaru. *Aiteto Iu Gainenni Tsuite*, "Sobre o Conceito de Destinatário" In: *Kokugogaku*, "Estudos sobre a Língua Japonesa", nº 9. Tóquio, Musashinoshoin, maio de 1952. pp. 23-28.
- NAGATA, Hisao. *Renbunno Shosô (1) - KO-SO-Akeino Shijishini Yoru Imino Mochikomito Iu Genshô*, "Os Vários Aspectos da Oração Transfrástica Fenômeno da Mostração Semântica dos Mostrativos do Grupo KO-SO-A" In: *Kenkyû Shûroku*, "Pesquisas Compiladas", nº 38. Okayama, Okayama Daigaku Kyôiku Gakubu Kenkyû Shûroku, 1974. pp. 27-51.

- OKAMURA, Kazue. *Daimeishitowa Nanika*, "O que é o Pronome?" In: *Hinshibetsu Nihon Bunpô Kôza 2 - Meishi, Daimeishi*, "Col. Gramática Japonesa - Categorias Gramaticais 2 - Substantivos, Pronomes" Tóquio, Meijishoin, 1972, pp. 80-121.
- ÔNO, Mieko. *Shijigono Hatarakito Sono Senketteino Mondai*, "As Funções dos Mostrativos e Algumas Questões Preliminares". In: *Keiryô Kokugogaku*, "Estudos Estatísticos da Gramática Japonesa", nº 71. Tóquio, Keiryô Kokugo Gakkai, 1974.
- ÔTSUKI, Fumihiko. *Gohô Shinan*, "Instruções sobre o Emprego das Palavras" In: *Daigenkai*, "O Grande Dicionário", vol. 4. Tóquio, Fuzanbô, 1950.
- RODRIGUEZ, Pe. João. *Arte da Língua de Iapam*. Nagasaqui, Companhia de IESV, 1608 (cópia xerografada por Benseisha, Tóquio, 1976).
- RODRIGUEZ, Pe. João. *Nihon Daibunten*, "A Grande Gramática da Língua Japonesa" Trad. Com. da obra *Arte da Língua de Iapam*, por Tadao Doi. Tóquio, Sanseidô, 1955.
- RODRIGUEZ, Pe. João. *Arte Breve da Língua Iapoa*. Macao, Companhia de IESV, 1620 (cópia xerografada por Tenri Central Library, Tenri, 1972).
- SAKAKURA, Atsuyoshi. *Nihon Bunpôno Hanashi*, "Sobre a Gramática Japonesa". Tóquio, Kyôiku Shuppan, 1978, pp. 148-161.
- SAKATA, Yuhiko. *Shijigo KO-SO-Ano Kinôni Tsuite*, "Sobre as Funções dos Mostrativos KO-SO-A" In: *Tôkyô Gaikokugo Daigaku Ronshû*, "Coletânea de Estudos de Línguas Estrangeiras de Tóquio", nº 21. Tóquio, Tokyo University of Foreign Studies, 1971, pp. 125-138.
- SAKUMA, Kanae. *Gendai Nihongono Hyôgento Gohô*, "A Expressão e a Gramática da Língua Japonesa Moderna" (edição revisada e aumentada), Tóquio, Hôseikaku, 1966, pp. 2-43.
- SHIBATA, Takeshi. *Kaku, Ninshô*, "Caso e Pessoa" In: *Zoku - Nihon Bunpô Kôza 1 - Bunpô Kakuron'hen*, "Série Gramática Japonesa 1 - Das Várias Teorias Gramaticais" Tóquio, Meijishoin, 1957, pp. 197-222.
- SHIBATA, Takeshi. *Kotobani Okeru Kôzôtowa Nanika*, "O que é a Estrutura da Língua?" In: *Gengono Kôzô*, "A Estrutura da Linguagem" Tóquio, Taishûkan, 1980, pp. 5-41.
- SHIMONAKA, Kunihiro. *Atarashii Kokugoeno Ayumi*, "A Trajetória para uma Nova Língua Nacional". In: *Kokugogakushi*, "História da Língua Japonesa", nº 6 (Capítulo: *Sei'ôno Bunmeino Kawao Kabutta Nihongo*, "A Língua Japonesa Carregada de Influência Ocidental"). Tóquio, Heibonsha, 1966. pp. 98-194.
- SHÔHO, Isamu. *KO-SO-Ano Taikei*, "A Sistemática de KO-SO-A" In: *Nihongono Shijishi*, "Os Mostrativos Japoneses" Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo, 1981.
- SORANISHI, Tetsurô. *Ninshôto Hanashino Ba*, "As Pessoas do Discurso e a Situação de Enunciação" In: *Eigo Seinen*, nº 11. Tóquio, Kenkyûsha, 1961.
- TAKAHASHI, Tarô. *Bamento Ba*, "Situação de Enunciado e Situação de Enunciação" In: *Kokugo Kokubun*, "Língua e Literatura Japonesa", vol. 25, nº 265. Quioto, Chûô Toshô, 1965, pp. 53-61.
- TAKAHASHI, Tarô. *KO-SO-A-DOno Genrini Tsuite*, "Sobre a Teoria de KO-SO-A-DO" In: *Gengo Seikatsu*, "Vivência Lingüística" Tóquio, Chikuma, jan. 1975. pp. 91-94.
- TAKAHASHI, Tarô & SUZUKI, Mitsuyo. *KO, SO, Ano Shiji Ryôikini Tsuite*, "A Respeito do Domínio Mostrativo de KO, SO e A" In: *Kenkyû Hôkokushi*, 3, "Coletânea de Relatórios de Pesquisas, 3". Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo, 1982, pp. 1-44.

- TANAKA, Nozomu. *KO-SO-Ao Meguru Shomondai*, "Sobre os Vários Problemas de KO-SO-A". In: *Nihongo Shijishi*, "Os Mostrativos Japoneses" Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo, 1981.
- TOKIEDA, Motoki. *Daimeishi* (1) e (2), "Pronome". In: *Nihon Bunpô - Kôgohen*, "Gramática Japonesa - Língua Falada" Tóquio, Iwanami, 1963, pp. 72-88.
- TOKIEDA, Motoki. *Kokugogakushi*, "História da Língua Japonesa". Tóquio, Iwanami, 1966.
- TOKIEDA, Motoki. *Kokugogaku Genron*, "Princípios da Gramática Japonesa". Tóquio, Iwanami, 1971.
- TSURUMINE, Shigenobu. *Daimeigen*, "Pronome". In: *Kokugogaku Taikei 1 - Gogaku Shinsho*, "Sistematização dos Estudos da Língua Japonesa 1 Nova Gramática" Tóquio, Kôseikaku, 1833.
- WATANABE, Minoru. *Shijino Kotoba*, "Palavras Mostrativas" In: *Joshidai Bungaku*, Rev. "Literatura Universidade Feminina", nº 5. Osaka, Ôsaka Joshidaigaku Bungakushi, 1952.
- WATANABE, Minoru. *Kokugono Kôbunron*, "Teoria Sintática da Língua Japonesa" 2ª ed. Tóquio, Haniwa Shobô, 1974.
- YAMADA, Yoshio. *Nihon Bunpôron*, "Teoria da Gramática Japonesa" Tóquio, Hôbunkan, 1970.
- YAMADA, Yoshio. *Nihon Bunpôgaku Gairon*, "Considerações Gerais sobre as Teorias da Gramática Japonesa" Tóquio Hôbunkan, 1936.
- YAMADA, Yoshio. *Nihon Kôgohô Kôgi*, "Explicações sobre a Gramática da Língua Japonesa Falada" Tóquio, Hôbunkan, 1970.
- YAMADA, Yoshio. *Nihon Bunpô Kôgi*. "Explicações sobre a Gramática Japonesa" Tóquio, Hôbunkan, 1971.
- YAMAGUCHI, Yoshinori. *Daimeishi*, "Pronome" In: *Iwanami Kôza - Nihongo 6 - Bunpô I*, "Col. Iwanami - Língua Japonesa 6 - Gramática I" Tóquio, Iwanami, 1977